

**FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE ASSIS -
FEMA
INSTITUTO MUNICIPAL DE ENSINO SUPERIOR DE
ASSIS – IMESA**

Campus José Santilli Sobrinho
Coordenadoria de Publicidade e Propaganda

Silvio Luis Rodrigues da Silva

**ADAPTAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA O SENHOR DOS ANÉIS – A
SOCIEDADE DO ANEL PARA O CINEMA: PRODUTO CULTURAL
OU BANALIZAÇÃO DA CULTURA?**

Assis, novembro, 2009.

**FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE ASSIS -
FEMA
INSTITUTO MUNICIPAL DE ENSINO SUPERIOR DE
ASSIS – IMESA**

Campus José Santilli Sobrinho
Coordenadoria de Publicidade e Propaganda

Silvio Luis Rodrigues da Silva

**ADAPTAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA O SENHOR DOS ANÉIS – A
SOCIEDADE DO ANEL PARA O CINEMA: PRODUTO CULTURAL
OU BANALIZAÇÃO DA CULTURA?**

Assis, novembro, 2009.

**FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE ASSIS -
FEMA
INSTITUTO MUNICIPAL DE ENSINO SUPERIOR DE
ASSIS – IMESA**

Campus José Santilli Sobrinho
Coordenadoria de Publicidade e Propaganda

**ADAPTAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA O SENHOR DOS ANÉIS – A
SOCIEDADE DO ANEL PARA O CINEMA: PRODUTO CULTURAL
OU BANALIZAÇÃO DA CULTURA?**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Comunicação
Social com Habilitação em Publicidade e
Propaganda, do Instituto Municipal de
Ensino Superior de Assis – IMESA.

Aluno: Silvio Luis Rodrigues da Silva
Orientadora: Prof^a Ms. Eliane Aparecida
Galvão Ribeiro Ferreira

Assis, novembro, 2009.

COMISSÃO EXAMINADORA

Presidente e orientadora: Prof^a Ms Eliane Aparecida Galvão
Ribeiro Ferreira

2^a Examinadora: Prof^a Dr^a Alcioni Galdino Vieira

3^a Examinadora: Prof^a Ms Aparecida Macena da Silva

Assis, novembro, 2009.

Agradecimentos

À professora Eliane por aceitar me orientar “aos 45 minutos do segundo tempo”.

À minha família pelo incentivo e apoio.

Aos professores do curso de Publicidade.

Em especial às amigas Marilaine e Raquel que sempre estiveram comigo na alegria e na tristeza.

Em especial também aos amigos da vila que sempre estiveram comigo para rir ou para chorar.

Ao amigo Vinicius que me emprestou os livros para que eu pudesse iniciar esse trabalho.

À amiga Natália que me emprestou seu livro *O Retorno do Rei* mesmo me conhecendo há tão pouco tempo.

Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma para a conclusão deste trabalho.

Dedicatória

Dedico este trabalho exclusivamente aos meus pais, Luiz Carlos e Levina, que sempre me apoiaram e incentivaram meus estudos.

Sem eles, nada disso seria possível.

SUMÁRIO

Introdução	12
-------------------------	----

Capítulo I – O surgimento da literatura infantil

1. A literatura infantil e suas origens.....	17
1.1. A literatura infantil no Brasil.....	18
1.2. A relação da literatura infantil e juvenil com o folhetim.....	19
1.3. O surgimento do folhetim.....	20
1.4. O leitor infanto-juvenil.....	21

Capítulo II – O Senhor dos Anéis: Produção e Biografia de Tolkien

2. Vida e obra de Tolkien.....	24
2.1. Sínteses das obras que compõem a história.....	25
2.1.1. <i>O Hobbit</i>	26
2.1.2. <i>A Sociedade do Anel</i>	28
2.1.3. <i>As Duas Torres</i>	30
2.1.4. <i>O Retorno do Rei</i>	33
2.2. Elementos cativantes da obra <i>A Sociedade do Anel</i>	36

Capítulo III – Análise de A Sociedade do Anel

3. Análise de <i>A Sociedade do Anel</i>	40
3.1. Pesquisa.....	42

3.2. Considerações finais.....	56
--------------------------------	----

Capítulo IV – A Adaptação

4. A adaptação.....	58
4.1. O leitor e a obra adaptada.....	59
4.2. A Sociedade do Anel, o filme.....	60
4.3. Ficha técnica e elenco.....	61
4.4. Sinopse.....	64
4.5. Análise dos fotogramas.....	64
4.6. Divisão em atos.....	78
4.7. Premissa e abertura.....	78
4.8. Protagonista, objetivo e obstáculos.....	78
4.9. Tensão principal, culminância e resolução.....	79
4.10. Considerações finais.....	80
Conclusão.....	81
Bibliografia.....	82
Anexos.....	86

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa tem por objetivo analisar e refletir sobre os elementos atraentes em uma obra literária e se a adaptação desta para o cinema também agrada ao público leitor. Desta forma, tem-se como objeto de estudo o livro *O Senhor dos Anéis*, escrito por J. R. R. Tolkien, mais especificamente, o primeiro volume, A Sociedade do Anel, como parte integrante desta obra e transposta para o cinema, no ano de 2001, pelo diretor Peter Jackson.

Palavras-chave: adaptação, cinema, mitologia.

ABSTRACT

The present research has as objective analyze and reflect about the elements attractive in a written work and if the adaptation of this for the movie also pleases the reading public. This way, it is had as a study object the book *The Lord of the Rings*, written by J. R. R. Tolkien, more specifically, the first volume, *The Fellowship of the Ring*, as an integral part of this work and transposed to the screens of the movies in 2001 by director Peter Jackson.

Key-words: adaptation, movie, mythology



Três Anéis para os Reis-Elfos sob este céu.

*Sete para os Senhores-Anões em seus rochosos
corredores, Nove para os Homens Mortais, fadados ao
eterno sono, Um para o Senhor do Escuro em seu escuro
trono, Na Terra de Mordor onde as sombras se deitam.*

*Um Anel para a todos governar, Um Anel para
encontrá-los, Um Anel para a todos trazer e na escuridão
aprisioná-los na Terra de Mordor onde as sombras se
deitam.*

(J.R.R. Tolkien, *O Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel*, 1954).

INTRODUÇÃO

Conforme o dicionário *Aurélio Buarque de Holanda Ferreira* (1994, p.43), o vocábulo *adaptação* possui inúmeros significados:

Adaptação. S. f. **1.** Ação ou efeito de adaptar(-se). **2.** Ajustamento de um organismo, particularmente do homem, às condições do meio ambiente: A respiração pulmonar é uma adaptação à vida aérea, assim como a transpiração é uma adaptação ao calor; É grande a sua adaptação social. **3.** Transformação de uma obra literária em representação teatral, cinematográfica, radiofônica ou televisionada: A opereta *My Fair Lady* é uma adaptação da peça teatral *Pygmalion*, do escritor irlandês George Bernard Shaw. **4.** P. Ext. Uso de utensílio, objeto, peça, etc., para um fim diverso daquele ao qual se destinava: Este pé de lâmpada é adaptação de um antigo moinho de café. **5.** Liter. Transposição de uma obra para outro gênero. **6.** Mús. Transformação de uma obra musical para servir a um novo fim. [Cf. Arranjo (6) e transcrição (6).] **7.** Mús. Utilização de obras já existentes como ilustração musical de uma obra dramática, coreográfica ou cinematográfica. **8.** Arquit. Acomodação de um complexo arquitetônico para novo uso ou programa, mediante intervenções necessárias à nova função; reutilização (FERREIRA, 1986, p.43).

A inquietante polissemia desta palavra que se revela nessas definições, justifica o presente trabalho que se propõe a refletir sobre a adaptação de uma obra literária para o cinema.

A intertextualidade é um fator sempre presente nas relações entre literatura e cinema. Diversos filmes contêm alusões ou referências literárias, sendo elas breves ou extensas, implícitas ou explícitas. O cinema tem grande impacto sobre a literatura, em termos conceituais, estilísticos e temáticos. Assim como a crônica, a adaptação é proveniente de técnicas jornalísticas, podendo uma adaptação fazer contraposição à obra quando a literatura sente-se traída ao ser transposta para o cinema.

A adaptação pode parecer uma tarefa fácil, mas, na verdade, ela exige muito cuidado e grande habilidade e compreensão do cinema. Entra aí, a chamada licença dramática, por meio do qual se pode fazer alterações, simplificar, eliminar, informações

para que a história funcione e possa ser contada em outro veículo (HOWARD, 1996, p.36).

A questão da adaptação literária se concentra na maioria das vezes no problema da interpretação feita pelo cineasta em sua transposição do livro. Os filmes analisados costumam receber críticas negativas porque, de um modo ou de outro, não são fiéis à obra original, sendo este um falso problema, uma vez comprovada a existência de um diálogo entre as duas obras.

O estabelecimento de uma hierarquia normativa entre a literatura e o cinema, entre uma obra original e uma versão derivada baseia-se numa concepção derivada da estética Kantiana, da inviolabilidade da obra literária e da especificidade estética. Daí uma insistência na “fidelidade” da adaptação cinematográfica à obra literária originária, conforme Randal Johnson (2003, p.40). Essa atitude resulta em julgamentos superficiais que freqüentemente valorizam a obra literária sobre a adaptação, e o mais das vezes sem uma reflexão mais profunda.

Desse modo, o presente trabalho de pesquisa tem por objetivo analisar a adaptação para o cinema da obra literária *O Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel*, um romance do escritor J. R. R. Tolkien, verificando se a obra, uma vez transposta para o cinema, na versão do diretor Peter Jackson, acarretou em resgate do seu conteúdo artístico, social e cultural, ou proporcionou a sua banalização. Mais especificamente, se a transposição da obra para o cinema, com o filme lançado em 2001, fez com que a história perdesse riqueza de detalhes, ao passar por recursos da indústria cultural.

Durante a análise da adaptação da obra literária de Tolkien para o cinema, na versão do diretor Peter Jackson, buscou-se compreender como se efetivam os elementos da narrativa e se desenvolve a estruturação da trama. Se há redução ou não do número de personagens e fatos da intriga, com conseqüente banalização da linguagem e final fechado e feliz.

Conforme Morin (1977), romances da alta cultura às vezes podem ser vulgarizados na adaptação, pois a linguagem voltada para o grande público é simplificada, sofrendo metamorfose. Tais processos resultam da “esquematização da intriga, redução do número de personagens, redução dos caracteres a uma psicologia clara, eliminação do que poderia ser dificilmente inteligível para a massa dos espectadores” (MORIN, 1977, p.54). Nesse sentido, procurou-se, durante a análise da versão destinada ao cinema, observar se houve ou não banalização na adaptação da obra de Tolkien.

Neste trabalho, constrói-se a hipótese de que um livro, que resgata fatos e aspectos da história, mesmo tendo utilizado recursos de marketing e de planejamento de mídia, precisa apresentar elementos na história que consigam entrar na visualidade do leitor, tais como a riqueza de detalhes, a interação e a comunicabilidade, propiciando a interação e a participação do leitor, assim como um filme. Ainda que nem sempre o mercado produza subprodutos, produzindo livros e filmes originais e cativantes. Os filmes, às vezes, acabam por despertar o interesse do leitor e impulsionam a venda do livro a que se referem.

Em um universo, voltado para mídias alternativas, o livro não é o objeto eleito e preferido pelos consumidores, e o cinema, ao resgatar uma história, também cumpre papel social. Neste texto parte-se do pressuposto de que o filme em estudo, embora tenha se beneficiado do sucesso da obra, contém elementos atraentes para o público a que se destina, e que o cinema tem contribuições importantes a oferecer.

Assim, pretendeu-se neste trabalho observar, com o auxílio de suportes teóricos, se a adaptação reinterpretou aspectos da narrativa, adequando-a à linguagem do cinema, levando em consideração a atualização, ou simplesmente, gerou um produto para as massas.

A partir da análise da obra, procurou-se, por meio de pesquisa de campo com universitários de Comunicação Social da FEMA, dos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda, detectar se a adaptação para o cinema agradou ou não a esse público, e quais elementos presentes no filme eram considerados como atraentes. Justifica-se a escolha deste público, pois possui conhecimentos específicos acerca de literatura e de cinema, logo se pressupõe que é capaz de avaliar com propriedade a qualidade de uma adaptação.

Na pesquisa de campo utilizou-se o método quantitativo, aplicou-se questionários compostos por questões fechadas de múltipla escolha e abertas, dissertativas a uma amostra de 20% da população de alunos, sendo 10% do sexo masculino e 10% do feminino, dos cursos de Comunicação Social. Posteriormente, os resultados foram tabulados e transpostos para gráficos e tabelas. A pesquisa foi realizada no período normal de aulas do noturno. Este procedimento justifica-se, pois se objetivou aplicar o teste para alunos de cursos que focam como objeto de estudo tanto a literatura, quanto o cinema. Também se optou por realizar o experimento em um único dia, para evitar possíveis interferências nos resultados pelo fato de alunos de uma turma comentar entre si o teste realizado, fazendo com que exista interferência nas opiniões e

conclusões. A partir da verificação e análise dos dados apresentados, pôde-se refletir sobre a diferença entre a linguagem escrita e a imagem visual, qual tem mais aceitação e recebe mais influência da indústria cultural.

A escolha por analisar a obra **O Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel**, em sua adaptação para o cinema, justifica-se por ser uma obra popular que se apropria de acontecimentos e personagens mitológicos, mostrando um mundo novo. Assim, tanto o livro como o filme proporcionam uma multiplicidade de leituras. Além disso, na versão fílmica a obra atingiu um imenso número de expectadores, superando as expectativas de divulgação. Para um estudioso de Comunicação Social interessa estudar todas as manifestações sociais, literárias, cinematográficas e artísticas que tenham repercussão na sociedade.

Para a consecução de seus objetivos, este trabalho estrutura-se em quatro capítulos. No primeiro contextualiza-se o surgimento da literatura infantil. No segundo, a produção de Tolkien, bem como seus dados biográficos. No terceiro, expõe-se os resultados da pesquisa e os elementos mais cativantes para os leitores da obra de Tolkien. O quarto capítulo apresenta uma reflexão acerca da adaptação da obra de Tolkien para o cinema. Todos os capítulos se completam e compõem um todo que culmina na conclusão. As referências bibliográficas, dispostas no final do trabalho, evitam as recorrências contínuas às notas de rodapé.

Com a finalização do estudo, após leituras das mais diversas obras, realizou-se, como trabalho prático, um documentário do filme, expondo entrevistas, cenas e análises.

O SURGIMENTO

DA

LITERATURA INFANTIL

(Ը պլանադճեամԸ ԸԳ ԼԳանեԿույեԿ ԳԲԸԿԲԳԼ)

CAPÍTULO I

1. A literatura infantil em suas origens

Historicamente, as origens dessa literatura remontam à Índia, onde teve sua expansão e concentração na Novelística Popular Medieval. Sua disseminação era exclusivamente através da tradição oral e seu nascimento descende de muitos séculos antes de Jesus Cristo.

Somente a partir da segunda metade do século XVII, na França, é que tem início o processo de infantilização da literatura. Até então, os adultos ignoravam a existência da infância e os livros destinados às crianças eram em sua maioria voltados à educação e religião. Nessa época, durante o classicismo francês, somente algumas poucas histórias foram escritas e englobadas como literatura apropriada à infância: *As Fábulas*, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, *As aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, lançadas postumamente em 1717, os *Contos da Mamãe Gansa*, publicados entre 1691 e 1697, de Charles Perrault, e os *Contos de Fadas*, contendo oito volumes, publicados entre 1696 e 1699, por Mme. D'Aulnoy. Mesmo com o aparecimento dessas obras, a expansão e consolidação do gênero têm início somente no século XVIII na Inglaterra.

Nesse período, é concebido um conceito de infância, e começam a surgir publicações voltadas para o público infantil. Este conceito se firma já em meio à Idade Moderna, graças à Revolução Industrial e ao declínio do feudalismo. Sua consolidação acontece também, devido à dissolução da hierarquia e à propagação, segundo Regina Zilberman (1998, p.14), de um conceito de estrutura unifamiliar privada, dedicada à preservação dos filhos e do afeto interno, bem como de sua intimidade. Isso provém da ascensão da família burguesa que confere à criança um novo status e uma reorganização escolar de interesses educativos. (FERNANDES, 2003, p.7).

Desde então, a literatura infantil não se limita apenas a simples textos formadores de valores. Ela oferece narrativas repletas de indagações, leituras e reflexões que desenvolve na criança um modo único de conhecer e entender o ambiente à sua volta.

1.1 A literatura infantil no Brasil

No Brasil, a consolidação da literatura infantil se deve a uma série de mudanças ocorridas entre o final do Império e o início da República.

Segundo Lajolo e Zilberman (1988, p.21), quando surge a vertente do gênero, o país passa por inúmeras transformações no cenário político-social. Essas transformações mostram o Brasil como um país em processo de modernização.

Com a proclamação da República no Brasil, em 1889, pelo Marechal Deodoro da Fonseca, a maioria dos civis e abolicionistas, apresentam interesse em uma mão-de-obra assalariada, pois, o tráfico negreiro havia sido proibido e era preciso manter a manutenção e a renovação da mão-de-obra escrava, o que exigia um maior capital.

Nesse momento, as massas urbanas se tornam consumidoras de produtos industrializados, o que acarreta a segmentação do público, tornando oportuna a implantação da literatura infantil em nosso país.

O processo de urbanização faz com que a escola passe a exercer um papel fundamental. A iniciação da infância, seus valores ideológicos e conhecimentos técnicos de produção de bens culturais são confiados às escolas.

Nesse momento, percebe-se que não há livros ou material de leitura voltado para o público infantil brasileiro. Jornalistas e professores começam então, a produzir livros infantis voltados para o corpo discente das escolas:

Nem sempre será possível estabelecer-se uma separação nítida entre os livros de entretenimento puro e o de leitura para aquisição de conhecimentos e estudos nas escolas, durante o século passado. Percebe-se que a literatura infantil propriamente dita partiu do livro escolar, do livro útil e funcional, de objetivo eminentemente didático. (ARROYO, 1968, p.94).

Em 1921 Monteiro Lobato escreve *Narizinho Arrebitado*, já apresentando indícios de fuga à simples literatura pedagógica.

O livro de Monteiro Lobato – e isto é curioso porque demonstra o amplo predomínio da literatura escolar – embora já com características específicas de uma literatura capaz de transcender o simplesmente pedagógico, obra de intenção didática ou educativa (...) – apareceu como

literatura escolar, conforme se lê do frontispício da primeira edição. Monteiro “Lobato teve que fazer concessões à literatura escolar no primeiro plano do êxito de sua obra literária para a infância. Nem de outra maneira, talvez, a curto prazo, poderia ter vendido ao governo do Estado um total de 30 mil exemplares de sua edição inicial. (ARROYO, 1968, p.198).

Lobato torna-se o verdadeiro fundador de nossa literatura infantil ao criar o *Sítio do Pica-Pau Amarelo* a partir de sua personagem inicial, Narizinho. Através deste, o livro separa-se da função de manual escolar e concede liberdade a uma literatura de linguagem coloquial, ousada, de um humor que repreende o adulto através de personagens atrevidos como a boneca de pano Emília.

Somente a partir dos anos 1970 é que há expansão do gênero infantil no país. Esse *boom* ocorre graças à Lei de Diretrizes e Bases da Educação criada no período militar para dar suporte à literatura nacional como ferramenta no ensino da língua portuguesa nas escolas.

1.2 A relação da literatura infantil e juvenil com o folhetim

Uma das primeiras similaridades visíveis entre o universo literário infanto-juvenil contemporâneo e o folhetim romancista do século XIX, é a publicação de obras para leitores específicos.

Hoje, a criança e o jovem. Ontem, a mulher. São leitores específicos, diferenciados. Nos dois períodos, há circuitos exclusivos pelos quais circulam as obras. No século XIX, o escritor chega à sua leitora através da imprensa, pela revista ou jornal. Atualmente, a escola é a intermediária entre o autor e seu jovem receptor. (ALBERGARIA, 1996, p.7).

Outro fator comum é a grande aceitação, prestígio e longevidade causada em suas respectivas épocas. Também são levados em consideração, o resgate e a valorização da cultura e do folclore popular através da memória coletiva, tanto no folhetim romântico, quanto no livro infantil.

A última semelhança transcorre pela atenuação da linha divisória entre o público feminino e masculino, infanto-juvenil e adulto. O folhetim, antes voltado para um público predominantemente feminino, deixa de lado sua exclusividade e passa a atrair

também o leitor masculino. Já na literatura infanto-juvenil, o fantástico e a ficção cativam tanto o leitor jovem, quanto o adulto. Este, que muitas vezes, busca o prazer para a resolução de seus conflitos internos e externos.

Desse modo, podemos destacar como fator relevante, a narrativa de intenção educativa dos escritores de obras destinadas à criança e ao adolescente, composta de uma linguagem esteticamente bem marcada e pedagógica, similar à dos romancistas do século XIX.

1.3 O surgimento do folhetim

Nascido na França, na década de 1830, o folhetim foi criado pelo jornalista Émile Girardin como forma de uma leitura de fácil acesso à grande massa. As histórias eram publicadas nos rodapés dos jornais e eram dotados de uma narrativa que cativava e prendia a atenção dos leitores com a não conclusão dos fatos ao final do capítulo publicado. O romance terminava sempre em um momento crucial, o qual instigava a continuação da leitura na próxima publicação. Essa nova forma de narrativa consagrou-se no desenvolvimento da cultura de massa, pois concebia de forma simples e divertida o desejo pela literatura:

O folhetim lançou a sementeira de um boom lítero-jornalístico sem precedentes e aberto à formidável descendência, vai se jogar ficção em fatias no jornal diário, no espaço consagrado ao folhetim vale tudo e a inauguração cabe ao velho Lazarillo de Tormer: começa a sair em pedaços cotidianos a partir de 5 de agosto de 1836. (MEYER, 1996, p.59).

No Brasil, o folhetim só aparece em 1838, no *Jornal do Commercio*, com a obra *O Capitão Paulo*, do francês Alexandre Dumas.

Inicialmente, os jornais publicavam apenas obras importadas, mas, logo escritores nacionais também adotaram o novo gênero e começaram a escrever suas próprias histórias, muitas delas exclusivas para o jornal. Algumas obras como *Quincas*

Borba e Memórias Póstumas de Brás Cubas surgiram primeiramente em revistas como *A Estação* e *Revista Brasileira*:

É com o folhetim, realmente, que o romance, entre nós, ganha grupos numerosos de leitores e define, pela aceitação, a presença de uma atividade literária ainda balbuciante que, antes disso, não conseguira afirmar-se e muito menos definir-se. (SODRÉ, 1964, p.322)

A expectativa criada, devido ao corte súbito no final de cada capítulo, garantia o sucesso do folhetim. Os escritores finalizavam a edição diária em um ponto crucial, o que obrigava o leitor a adquirir o próximo exemplar de jornal ou revista e conseqüentemente acompanhar a narrativa. Essa técnica de sedução do folhetim desenvolveu-se também nas radionovelas e perdura até hoje na estrutura de narrativa das telenovelas.

1.4 O leitor infanto-juvenil

A partir da década de 1990, as transformações na relação entre ensino e literatura se tornaram evidentes fazendo com que a narrativa de ficção se convertesse em um instrumento de conhecimento de si mesmo e do mundo à sua volta.

A literatura infantil, antes destinada exclusivamente às crianças, se apresenta hoje também como infanto-juvenil, voltando-se para jovens e adultos:

A literatura infantil e juvenil contemporânea procura, por meio da autocrítica, da manutenção da autenticidade, da conscientização, da metalinguagem, da dialogia, da intertextualidade, adequar-se às peculiaridades próprias do tipo de leitor a quem se destina. (FERREIRA, 2003, p. 167)

A literatura infanto-juvenil é retratada como uma ramificação das narrativas produzidas para adultos. Essa ramificação de gênero adulto/criança também se desenvolveu no mercado cinematográfico no processo de criação de filmes. A

intertextualidade apresentada na animação da Disney, *O Rei Leão*, comprova essa idéia mostrando a história baseada em obras como *Hamlet*, de Shakespeare. Outro exemplo é *Shrek*, filme que é ambientado num cenário totalmente de contos de fadas, mas com uma linguagem um tanto voltada para o jovem e o adulto.

Isso prova que, mesmo com o excesso de informação constante, buscamos o prazer, muitas vezes inconscientemente, no “faz de conta”, demonstrando que o imaginário e a sede pela ficção não são exclusivos do público infantil.

O SENHOR DOS ANÉIS: PRODUÇÃO E
BIOGRAFIA DE TOLKIEN

(Վ պետական ժողովրդական պատմագրության և լեզվաբանության ինստիտուտի կողմից)

CAPÍTULO II

2. A vida e obra de Tolkien

O escritor John Ronald Reuel Tolkien nasceu em Bloemfontein, África do Sul, no dia três de janeiro de 1892. Era o filho mais velho de Arthur Reuel Tolkien e Mabel Suffield Tolkien. Ronald, como era chamado, perdeu o pai quando tinha apenas quatro anos de idade, o que fez com que sua mãe decidisse, então, retornar à Inglaterra, onde passou parte de sua infância, dividido entre as regiões rurais das Midlands Ocidentais e a cidade industrial de Birmingham.

Freqüentou a *King's Edward School* e, no ano de 1900, converteu-se ao catolicismo juntamente com sua mãe e seu irmão caçula, Hilary.

Em 1904, um padre chamado Francis Morgan, que era amigo de Mabel, se responsabilizou pela educação e bem-estar de Tolkien e seus irmãos após seu falecimento. Aos dezesseis anos, Ronald passou a viver na hospedaria de uma senhora de sobrenome Faulkner, onde conheceu Edith Bratt, de apenas 19 anos. Os dois se apaixonaram, mas foram proibidos de namorar até que Tolkien completasse vinte e um anos. Tolkien ingressou na Universidade de Oxford em 1911, demonstrando grande habilidade no estudo das línguas germânicas, do inglês antigo, do galês e do finlandês.

Por volta de 1914, Edith também se converteu ao catolicismo e, em seguida, Ronald e ela, tornaram-se noivos. Cerca de um ano depois, Tolkien concluiu o curso de Língua e Literatura Inglesa. Nessa época, o “Quenya”, o mais importante dos idiomas criados por ele, começou a tomar forma.

Em 22 de março de 1916, Tolkien e Edith se casaram e pouco tempo depois, Ronald foi enviado para a França para servir como fuzileiro durante a Primeira Guerra Mundial. Após quatro meses no front, Tolkien adoeceu com a chamada “febre das trincheiras” e foi mandado de volta à Inglaterra para se recuperar. Lá, começou a rascunhar as primeiras versões de sua mitologia com as primeiras histórias de elfos, homens e anões.

Em 1917, Edith deu à luz ao seu primeiro filho, John Francis Reuel. Além dele, o casal também teria Michael, Christopher, e uma menina, Priscilla.

Após o término da guerra, Tolkien foi escolhido Leitor (Professor Associado) de Língua Inglesa na Universidade de Leeds em 1920 e, em 1925, tornou-se professor de Anglo-Saxão em Oxford.

Era de seu costume contar histórias criadas por ele próprio para seus filhos. Um dia, enquanto corrigia provas da faculdade, viu uma folha em branco e sem explicação alguma escreveu nela: "Numa toca no chão vivia um hobbit". A partir daí, criou mais uma história para seus filhos, com as aventuras de Bilbo, o hobbit. Stanley Unwin, da editora *George Allen and Unwin*, conseguiu a história datilografada e, em 1937, o publicou com o título de *O Hobbit*. O sucesso do livro foi tanto que, Unwin pediu à John uma continuação (In: Valinor, 2009).

A continuação foi atraída na direção das velhas lendas élficas e demorou mais de 16 anos para ser escrita, tornando-se um épico de mais de mil páginas. O filho de Stanley, Rayner, que ocupava o cargo de seu pai na editora, publicou *O Senhor dos Anéis* em três volumes, lançados de 1954 a 1955. O sucesso foi tanto, que em 1965, uma edição pirata do livro foi lançada nos Estados Unidos, transformando os adeptos da contracultura e do movimento hippie em fãs incondicionais, devido à identificação profunda com a narrativa.

Em 1969, após se aposentar, Tolkien mudou-se com sua esposa para o pacato balneário de Bournemouth.

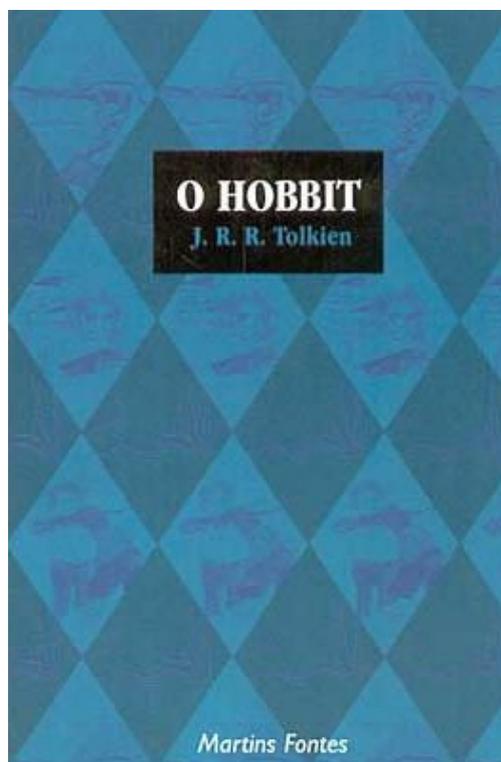
Em 29 de novembro de 1971, Edith faleceu e Ronald voltou para Oxford. Em dois de setembro de 1973, Tolkien também veio a falecer. Os dois estão enterrados juntos no cemitério de Wolvercote, em Oxford.

Entre as principais obras escritas por Tolkien, destacam-se: *O Hobbit* (1937), a trilogia de *O Senhor dos Anéis* (1954/1955) e *O Silmarillion* (1977).

2.1 Sínteses das obras que compõem a história

As três histórias que compõem a obra de J. R. R. Tolkien, *O Senhor dos Anéis*, se passam durante a Terceira Era da Terra-Média, enquanto que os acontecimentos de *O Hobbit* ocorrem sessenta anos antes da saga do Anel. A síntese dos livros é apresentada abaixo na ordem de suas publicações.

2.1.1 *O Hobbit*



(Figura I – capa da obra *O hobbit*, 3ª ed., ano 2009)

O protagonista do livro é o hobbit, Bilbo Bolseiro, um pequeno ser da Vila dos Hobbits. Bilbo tem sua vida transtornada quando, certa manhã, Gandalf, o mago, aparece em sua porta. Junto de treze anões, inclusive Thorin o Escudo de Carvalho e seus doze companheiros, Gandalf convoca o pequeno hobbit para uma grande aventura: viajar até a Montanha Solitária, enfrentar o terrível dragão Smaug e recuperar o tesouro roubado por Smaug que pertencera aos antepassados de Thorin.

A primeira parada do grupo é em Valfenda, onde tem um merecido descanso após diversas confusões ao longo do caminho, inclusive um encontro inesperado com um trio de trolls. Seguindo uma trilha pelas Montanhas Sombrias, Bilbo e seus amigos são capturados por orcs e levados até as profundas cavernas onde vivem. Gandalf, que havia escapado do primeiro ataque aos viajantes, reaparece e resgata o grupo. Após uma fuga desesperada pelos túneis escuros e intermináveis, Bilbo se perde do restante e acaba encontrando uma pequena ilha no fundo da montanha. Nesta ilhota vivia Gollum,

uma estranha criatura que vê o pequeno hobbit como um banquete. Em um momento de desespero, Bilbo propõe um jogo de adivinhas dizendo que, se acaso vencesse o pequeno ser das cavernas, este deveria lhe mostrar a saída e se, acaso perdesse, tornaria-se a refeição da criatura.

Gollum, que se julgava muito esperto, resolve aceitar o desafio. Sem mais adivinhas e com medo de nunca mais ver seus amigos, Bilbo acaba colocando a mão no bolso e dizendo: “o que eu tenho no bolso?” (p.94). A criatura pede três tentativas para tentar adivinhar, mas acaba errando todas. Gollum resolve cumprir sua parte no acordo e mostrar a saída, mas antes atravessa o rio em direção a seu esconderijo para pegar seu anel mágico que tem o poder de deixar seu portador invisível. O que ele não sabia era que Bilbo havia encontrado o anel em um dos túneis pelo qual havia passado antes de chegar até onde se encontrava no momento e era, exatamente, isso que ele tinha em seu bolso no momento da pergunta final.

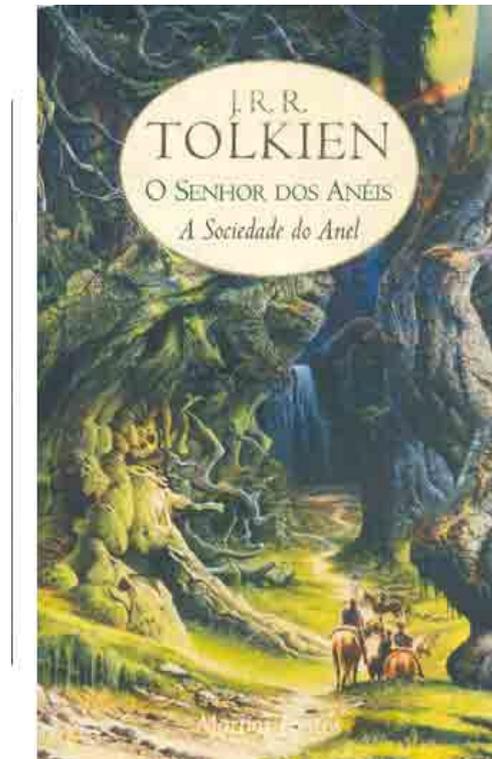
Gollum fica furioso e sai em busca do pequeno hobbit que coloca o anel e, invisível, segue a criatura até a saída. Bilbo encontra o restante do grupo e segue rumo à Montanha Solitária. O grupo, depois de passar por orcs, aranhas e tornar-se prisioneiro dos elfos da floresta, finalmente chega até o lar do temível dragão: Smaug. Este percebe que alguém está tentando roubar seu tesouro e, achando se tratar de homens da Cidade do Lago, parte em busca de vingança.

Na Cidade do Lago, o velho dragão é morto por uma flechada de Bard, um grande guerreiro do vilarejo. Depois de juntarem forças, os homens do lago e os elfos da Floresta das Trevas seguem em direção à montanha para dividir o tesouro de Smaug. Ao chegarem, encontram Thorin e seus amigos de posse do lugar.

Thorin convoca seu primo Dáin das Colinas de Ferro para expulsar os invasores de suas terras. No momento de sua chegada, Dáin, elfos e homens são atacados por um exército de orcs e lobos selvagens. Todos se unem contra esse inimigo comum e tem início a famosa batalha dos Cinco Exércitos. Depois dessa grande batalha, Thorin acaba sucumbindo diante dos ferimentos causados pelo inimigo.

Bard, o rei-élfico e os anões chegam a um acordo sobre o tesouro e criam uma aliança para reconstruir o reino do Valle destruído por Smaug. Bilbo recebe também sua parte do tesouro e segue com Gandalf de volta para sua terra onde anos mais tarde escreveria um livro chamado *Lá e de volta outra vez*, narrando suas aventuras.

2.1.2 *O Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel*



(Figura II – capa da obra *O Senhor dos Anéis – A sociedade do Anel*, 2ª ed., ano 2000)

A Sociedade do Anel é a primeira parte da trilogia escrita por J. R. R. Tolkien e que narra uma aventura ambientada na Terra-média, um mundo repleto de criaturas míticas como: dragões, orcs, trolls, magos, anões, elfos, hobbits, entre outros.

A história mostra o Condado dos hobbits em festa, comemorando o 111º aniversário de Bilbo Bolseiro. Na ocasião, Bilbo resolve partir em mais uma aventura além de suas terras e deixa todos os seus pertences para seu sobrinho Frodo Bolseiro, inclusive seu anel mágico que contém o poder de deixar invisível o seu portador.

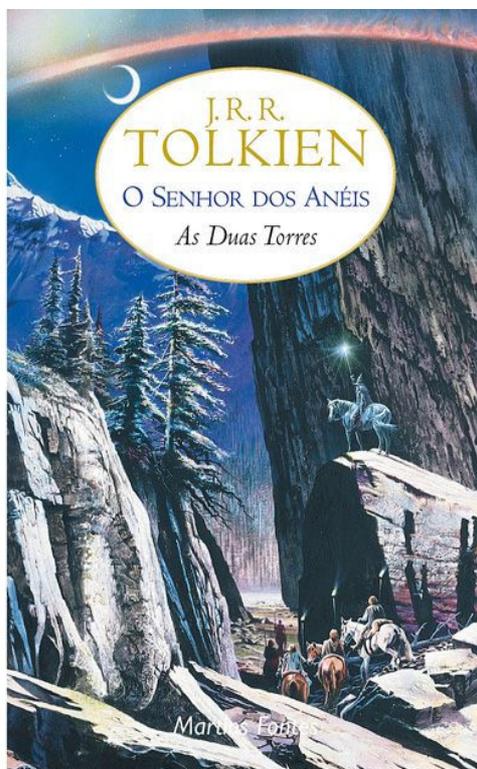
Tempos depois, Frodo descobre através de seu amigo Gandalf, o Cinzento, um sábio e poderoso mago, que o anel na verdade é o Um Anel, forjado pelo próprio senhor do escuro, Sauron, e que nele encontra-se parte de sua força. Junto de seus amigos, Meriadoc Brandebuque (Merry), Peregrin Tûk (Pippin) e Samwise Gamgi (Sam), Frodo parte rumo a Valfenda, a Última Casa Amiga, lar de Elrond meio-elfo.

Após serem perseguidos por Cavaleiros Negros enviados por Sauron, os hobbits encontram Aragorn, também conhecido como Passolargo, um guardião amigo de Gandalf que os guia até Valfenda.

Na Última Casa Amiga, Elrond explica que o Anel só pode ser destruído se for lançado no fogo da Montanha da Perdição que fica nas terras do inimigo. Então, a sociedade do anel é formada, consistindo-se de quatro hobbits: Frodo, Sam, Merry e Pippin; um elfo chamado Legolas; dois homens: Aragorn (que revela ser o último rei de Gondor, o maior reino dos homens) e Boromir (filho do regente de Gondor); um anão chamado Gimli; e Gandalf, o mago.

Após muitas aventuras, a comitiva chega às Minas de Moria, reino dos anões, que havia sido dominada por orcs há muito tempo. Lá, se deparam com um Balrog de Morgoth, um demônio muito antigo que todos julgavam destruído. Gandalf derrota o inimigo, mas sucumbe em um abismo, enquanto Frodo e os outros fogem. Depois de uma breve estada na Floresta de Lothlórien, lar de Galadriel, senhora dos elfos da floresta, os amigos seguem pelo Rio Andúin até as proximidades das Cachoeiras de Rauros. Ao chegarem à terra firme, são atacados por orcs e uruk-hais e a comitiva se separa. Frodo e Sam seguem rumo à terra de Mordor (reino do senhor do escuro), enquanto Aragorn, Legolas e Gimli saem à procura de Merry e Pippin que foram raptados pelos Uruk-hais.

2.1.3 *O Senhor dos Anéis – As Duas Torres*



(Figura III – capa da obra *O Senhor dos Anéis – As Duas Torres*, 2ª ed., ano 2000)

Aragorn, Legolas e Gimli seguem os rastros dos hobbits capturados e o caminho os conduz até a Floresta de Fangorn. Nela, encontram o Mago Branco que, inicialmente, pensam ser Saruman, o traidor. No entanto, o velho mostra que, na verdade, é Gandalf que retornou da morte para ajudá-los em sua missão. Os quatro seguem então para Rohan, Terra dos Cavaleiros. Sua capital Edoras fica no alto de uma colina, onde os rohirrim ergueram Meduseld, O Palácio Dourado. Nele vive o rei Théoden, cuja mente fora envenenada por Saruman (líder da ordem dos magos à qual Gandalf pertence) através de um agente infiltrado, o conselheiro Gríma Língua-de-cobra. Gandalf expulsa Gríma, cura o rei de seus males, e o aconselha a enfrentar a ameaça de Saruman e partir rumo à Isengard, fortaleza de Saruman, com todos os guerreiros disponíveis.

Enquanto isso, os hobbits Merry e Pippin conseguem escapar dos uruk-hais, e fogem para o interior da Floresta de Fangorn. Lá, encontram Barbárvore, um Ent, um gigante em forma de árvore, e cujas origens remontam há tempos mais antigos do que a

Terceira Era, na qual se passa essa história. Barbárvore leva Merry e Pippin a sua casa, onde descansam, enquanto os Ents são convocados para uma reunião (o "Entebate"). Após muito tempo de conversa, os Ents resolvem entrar em guerra e partem rumo a Isengard para enfrentar Saruman. Ao chegar a Isengard, Barbárvore e seus companheiros derrotam os orcs que estão sob o comando do mago, e este se isola em sua torre.

De volta a Rohan, o rei Theoden envia velhos, mulheres e crianças para a um refúgio nas montanhas, chamado Templo da Colina, enquanto os cavaleiros de Rohan partem em direção a Isengard. Contudo, os cavaleiros são obrigados a fazer um desvio que os leva até o Abismo de Helm, um estreito desfiladeiro, onde os rohirrim construíram uma fortaleza de pedra. Na fortaleza, os cavaleiros de Rohan buscam refúgio, mas acabam cercados pelos guerreiros de Saruman. Após horas de batalha sangrenta, os orcs são derrotados com a ajuda de outras tropas de Rohirrim, trazidas por Gandalf.

Ao término da batalha, o rei Theoden, Aragorn, Legolas e Gimli, cavalgam até Isengard, onde encontram Merry e Pippin em meio aos destroços deixados pelos Ents em sua investida. Saruman ainda tenta seduzir o grupo com sua voz quase hipnótica, mas Gandalf anula o feitiço e o expulsa da ordem dos Istari (magos). Nesse momento, Gríma língua de cobra atira em direção do grupo um *Palantír*, pedra vidente que é capaz de comunicar-se com outras semelhantes. Gandalf a guarda para futuras investigações.

Ao anoitecer, Pippin agarra o Palantir e olha em seu interior, e numa visão, vê o próprio Sauron, mas não revela nada sobre os planos da comitiva do Anel e acaba descobrindo que o primeiro ataque do inimigo será em Minas Tirith, capital do Reino de Gondor.

Gandalf parte então com Pippin para Minas Tirith a fim de alertar Gondor da guerra.

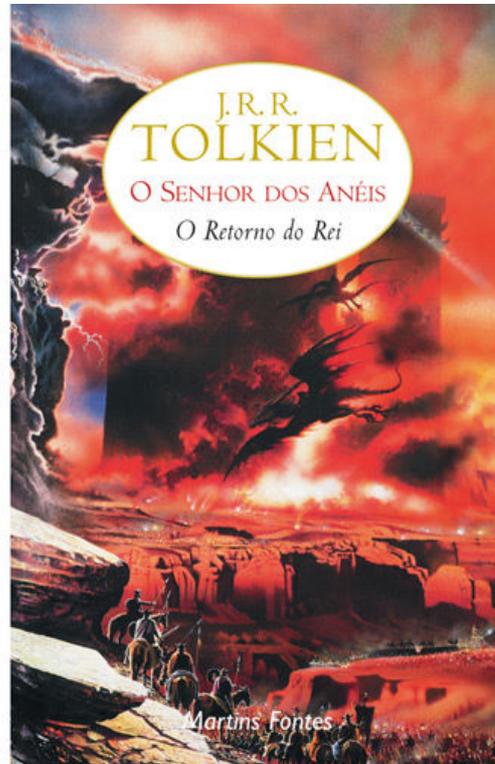
Nesse meio tempo, Frodo e Sam capturam Gollum, um ser que há muito tempo vinha perseguindo-os em busca do Anel. Gollum é uma criatura velha e "pegajosa" que já foi um hobbit, mas que foi possuído pelo poder do Um Anel, e jamais conseguiu libertar-se. Em troca de sua liberdade, ele promete levar os dois até Mordor, onde fica a Montanha da Perdição.

Atravessando vários lugares, os hobbits são guiados até o Portão Negro de Mordor, mas este está fechado, e os hobbits, conduzidos por Gollum, seguem por outro caminho.

Durante uma parada para descansar, Frodo e Sam presenciam uma batalha entre Homens de Gondor e os Haradrim, aliados de Sauron. Gollum desaparece e os hobbits são capturados por uma patrulha chefiada por Faramir, irmão de Boromir. Frodo e Sam são levados ao esconderijo dos homens que fica atrás de uma cachoeira. Ao descobrir sobre a missão de Frodo, Faramir os liberta para que possam cumprir sua árdua tarefa.

Os hobbits reiniciam sua jornada para Mordor, com Gollum como seu guia, e decidem atravessar as montanhas através de Cirith Ungol. Esta trilha os leva até uma escada na rocha e que termina num túnel. O plano de Gollum é levá-los através desse túnel e, lá dentro, entregá-los a Laracna, uma aranha gigantesca. No túnel, Frodo é picado por Laracna e Sam acaba derrotando o aracnídeo com um golpe de espada. Ao achar que Frodo está morto, Sam decide assumir o fardo do anel e completar a missão de seu mestre. Nisso, uma patrulha de orcs se aproxima e Sam volta para que os inimigos não encontrem o corpo de seu mestre. Sam ouve a conversa dos servos de Sauron e tem um choque ao saber que Frodo, na verdade, não estava morto, apenas inconsciente. Os orcs pegam Frodo e o levam até a Torre de Cirith Ungol, enquanto Sam, invisível pelo Anel, os segue na tentativa de salvar seu amigo.

2.1.4 *O Senhor dos Anéis - O Retorno do Rei*



(Figura IV – capa da obra *O Senhor dos Anéis – O Retorno do Rei*, 2. ed., ano 2000)

Depois de uma longa e rápida viagem, Gandalf e Pippin chegam à grande cidade de Minas Tirith e têm uma audiência com Denethor, o Senhor e Regente de Gondor e pai de Boromir e Faramir. Pippin conta sobre a jornada deles e sobre Boromir, e faz um juramento de fidelidade a Gondor.

Logo depois da partida de Gandalf, a companhia do rei Théoden é alcançada por um grupo de Guardiões do Norte, parentes de Aragorn, acompanhados por Elladan e Elrohir, os filhos de Elrond. Aragorn decide partir para Gondor, através das aterrorizantes Sendas dos Mortos, acompanhado por Legolas, Gimli, os filhos de Elrond e os Dúnedain. Aragorn, sendo o herdeiro de Isildur, convoca os fantasmas das Sendas dos Mortos para ajudá-lo na guerra, para que dessa forma cumpram o juramento que os amaldiçoou. A companhia parte então com um grande exército na direção de Pelargir.

Enquanto isso, Théoden e seu exército cavalgam para o Templo da Colina, onde o exército de Rohan está se reunindo. Ele decide que Merry deve permanecer em Edoras, onde Éowyn irá liderar o povo até a volta do rei. Contudo, um jovem cavaleiro, chamado Dernhelm, se oferece, em segredo, para levar Merry para Gondor.

Faramir e alguns poucos companheiros retornam a Minas Tirith perseguidos pelos nazgûl alados. No dia seguinte, ele deixa a cidade outra vez para ajudar na defesa das passagens através do Anduin. A defesa sucumbe e os poucos sobreviventes recuam para a cidade, perseguidos pelos inimigos. Faramir é trazido para dentro por último, quando foi ferido por uma flecha envenenada. O exército inimigo, liderado pelo próprio Capitão dos Espectros do Anel, cerca a cidade.

Denethor enlouquece ao ver seu filho mortalmente ferido e planeja incinerar a ambos. Ele libera Pippin de seu serviço e este parte em busca de Gandalf. No momento em que o Senhor dos Nazgûl entra na cidade, os rohirrim entram na batalha. Então, o Capitão dos Espectros do Anel, montado em sua terrível criatura alada, desce próximo à Théoden e o cavalo deste cai enlouquecido pelo medo, esmagando o rei sob seu peso. Éowyn, que estava disfarçada como Dernhelm, fica ao lado do rei. Merry ataca o Espectro do Anel por trás e Éowyn mata o rei dos Espectros. Uma frota dos navios de Umbar sobe o Anduin e traz Aragorn com seus companheiros que haviam tomado os navios de inimigos de Gondor. O exército dos Mortos ataca e não sobra inimigo vivo.

Pippin encontra Gandalf e o leva até as Casas dos Mortos para impedir que Denethor incinere a si mesmo e a Faramir. Denethor acredita que não há esperança e que Gondor será destruída. Impedido de incinerar seu filho, Denethor agarra uma tocha e se incendeia sobre a fogueira.

Aragorn cura Faramir que havia sido envenenado, além de Éowyn e Merry que haviam perdido a consciência após enfrentarem o espectro do Anel.

Na manhã seguinte, Gandalf apresenta um plano de cavalgar na direção do Portão Negro de Mordor para desafiar Sauron, de maneira que ele esvazie Mordor e dirija toda a sua atenção para eles. Isso aumentaria as chances de Frodo de alcançar o Orodruin e destruir o Anel. O plano é aceito e um exército de sete mil homens se prepara para partir em dois dias.

Sam, finalmente, consegue chegar até Frodo e o resgata após enfrentar alguns guardas orcs. Durante a viagem, eles ouvem orcs conversando e descobrem que Gollum está vivo e ainda os persegue. Os hobbits seguem por uma estrada orc por vários dias, viajando na direção da Montanha da Perdição. Ao chegarem perto do topo da montanha,

eles são atacados por Gollum, mas Frodo escapa e corre na direção das Câmaras de Fogo. Nas Câmaras de Fogo, Frodo é finalmente dominado pelo poder do Anel e o reivindica para si. Gollum o ataca novamente e arranca com os dentes o dedo em que está o Anel; então, tomado de alegria por ter recuperado seu Precioso, ele acaba caindo dentro do Fogo. Ao sair das câmaras, os hobbits percebem que o reino de Sauron entrou em colapso.

As águias, lideradas por seu senhor, Gwaihir, juntam-se à investida dos Capitães do Oeste contra Mordor. Após a destruição do Anel, o Portão Negro desaba, o espírito de Sauron é destruído e as forças de Mordor se desesperam, e muitos fogem ou imploram misericórdia. Gwaihir, junto de outras duas águias, leva Gandalf até a Montanha da Perdição, onde eles resgatam Frodo e Sam. Os dois hobbits despertam vários dias mais tarde e são honrados pelo exército do Oeste no campo de Cormallen, em Ithilien.

Aragorn e sua companhia retornam para Minas Tirith, onde é coroado rei Elessar de Gondor. Alguns dias depois, uma grande companhia élfica chega do Norte, trazendo Galadriel, Elrond e Arwen. Elrond entrega a Aragorn o Cetro de Annúminas e Aragorn casa-se com Arwen.

Finalmente, uma grande companhia parte de Minas Tirith rumo a Valfenda. Ao passarem por Isengard, Gimli e Legolas visitam a Floresta de Fangorn, se despedem da companhia e partem para seus lares no Norte. O resto da companhia continua a viagem, e acabam encontrando Saruman e Gríma vagando como mendigos. Em Valfenda, os hobbits encontram Bilbo e passam muitos dias com ele. Eles, então, decidem voltar para o Condado, e Gandalf os acompanha até Bri.

Gandalf parte de Bri para visitar Tom Bombadil e os quatro hobbits seguem para sua terra natal. No Condado, descobrem que Saruman apossou-se do pacato vilarejo. Junto de outros hobbits, eles promovem uma revolta, onde o mago e seu ajudante Gríma acabam morrendo.

Alguns anos mais tarde, Frodo e Sam partem de novo para Valfenda para o aniversário de Bilbo. Contudo, eles encontram, nas florestas do Condado, uma comitiva composta de elfos, incluindo Elrond e Galadriel. Bilbo também está entre eles.

Sam percebe, então, que Frodo pretende ir aos Portos Cinzentos e seguir em companhia dos elfos e de Bilbo rumo às Terras Imortais. Nos Portos, Gandalf também os espera; ele também partirá no navio. Merry e Pippin, também aguardam; eles foram trazidos para que Sam tivesse companhia ao voltar para casa. Finalmente, o navio élfico

deixa a Terra-média rumo ao mar e às Terras Imortais e os três hobbits voltam para casa.

2.2 Elementos cativantes da obra *A Sociedade do Anel*

A partir do século XVIII, os livros destinados ao público infantil eram em sua maioria utilizados como principal meio de integração à ordem social vigente na época. A sociedade burguesa abominou a ficção contida nas narrativas infantis e utilizou-se das obras apenas como meio de catequizar crianças e jovens de acordo com os costumes e valores vigentes na época.

Nos textos não havia nenhuma conexão entre leitor e obra, transformando assim a literatura para crianças em um gênero grosseiro, centrado exclusivamente na função educativa e doutrinadora.

Somente após o abandono da função de agente formador é que a literatura infantil se manifesta esteticamente:

O certo, porém, é que os livros que têm resistido ao tempo, seja na Literatura Infantil, sejam na Literatura Geral, são os que possuem uma essência capaz de satisfazer a inquietação humana, por mais que os séculos passem (...), são também os que possuem qualidades de estilo irresistíveis, cativando o leitor da primeira a última página, ainda quando nada lhe transmitam de urgente ou de essencial. (PERROTTI, 1986, p.18)

Personagens como Frodo Bolseiro são providos de consciência crítica e são capazes de surpreender o leitor através da superação de seus problemas. Convidam o leitor a uma profunda reflexão. Assim, ele se identifica com a narrativa e seus personagens. Além disso, Tolkien explora o imaginário do leitor, através de descrições minuciosas de locais, cenas, roupas, refeições etc.

O mundo, onde a aventura se desenvolve, é composto de relações de antítese entre medo e coragem, tristeza e alegria, trevas e luz. O Condado dos hobbits, onde se inicia a história, é mostrado como um lugar feliz, belo e tranquilo. Já, Mordor, local para onde Frodo deve seguir, é escuro, repleto de criaturas horrendas, um lugar onde até

o ar que se respira é venenoso. Esses cenários, entre outros, representam o caminho trilhado pelo herói na tentativa de cumprir a tarefa que lhe foi competida. À medida que Frodo avança, o clima muda gradativamente para um estado mais triste, perigoso, assustador e inseguro. Seus companheiros aos poucos se desligam da comitiva, reafirmando a condição severa imposta ao protagonista para superar seus limites e concluir sua missão.

A obra de Tolkien apresenta elementos que cativam crianças e jovens da seguinte forma:

Não é possível tratar de homens, nem de mulheres, quando nos referimos aos personagens de *O Senhor dos Anéis*, mas sim de forças, de caracterizações do feminino e do masculino, espécie de imagens arquetípicas – para usarmos o termo junguiano. Nestas imagens sente-se o dinamismo do arquétipo 5. Elas constituem o conteúdo fundamental de religiões, de mitologias e de contos de fadas. É um conteúdo expresso simbolicamente, o que significa dizer que elege certos elementos concretos, como o rei, a estrada, o anel, dentre outros, para falar de algo que está mais além e, não obstante, que emana desses elementos. Contudo, este ‘algo’, sobre o que se deseja falar, continua oculto para a expressão organizada das palavras, apesar de o símbolo encontrado ter uma profunda ressonância emocional, uma presença invisível que emana do elemento concreto, produzindo uma peculiar alteração de consciência. (LÓPEZ, 2004, p. 26).

Nesse cenário, por alguns momentos, impossíveis de se traduzir em palavras, sentimo-nos como personagens da narrativa da Saga do Anel, integramo-nos com ela e percebemos o breve clarão da possível união entre consciente e inconsciente. Para o leitor, essa imersão no texto, confere prazer e por um instante, impossível de se reter, o sentido se faz plenamente. Ele, então, se sente como que lançado ao seu próprio recôndito, segundo López (2004). O desfecho da obra remete ao arquétipo de uma meta espiritual que a natureza humana almeja, ou seja, o tesouro difícil de se obter, tornado possível pela jornada do herói: a conquistada plena do Si-Mesmo.

O jovem leitor, ao debruçar-se sobre as narrativas de Tolkien, vê perplexo seus heróis arriscarem-se, lutarem em busca de seus objetivos, assim, realizam por ele a busca de valorização social, quase morrem, sofrem, sangram, mas vencem. Enquanto isso, o leitor permanece na segurança de seu lar, obtendo prazer e, pela projeção imagética, a satisfação de se sentir também capaz de realizar grandes feitos, não

importando se é pequeno, fraco ou jovem demais para as aventuras, pois assim são os heróis da saga.

A narrativa *O Senhor dos Anéis* apresenta uma descrição minuciosa. O autor consegue nos transportar para um mundo totalmente novo. Ele nos apresenta a Terra-média em detalhes: sua geografia, fauna e flora, seus habitantes, costumes e idiomas. Somos atraídos para um lugar, onde nossa imaginação se manifesta da forma mais pura e intensa. Trata-se de uma história, na qual o autor conseguiu capturar o interesse de milhares de crianças, jovens e adultos.

ANÁLISE DE A SOCIEDADE DO ANEL

(ԿՏԿՆԳԿԵ ԸՆ Կ ԿԲԵԾԵԴԿԸ ԸԸ ԿՏԵՆ)

CAPÍTULO III

3. Análise de “A Sociedade do Anel”

Com a publicação de “A Sociedade do Anel”, em 1954, o escritor J. R. R. Tolkien deu continuidade à história de “O Hobbit”, que havia obtido grande sucesso de vendas no ano de 1937. Inicialmente, Tolkien desejava contar uma história diferente. Ele queria que seu segundo livro contasse as lendas que contemplavam a criação da Terra-média, mas seu editor achou que não era o momento apropriado e lhe pediu outra narrativa sobre os hobbits. “É isto que realmente importa na Terra-média, explicou Tolkien: não somente dragões e tesouros, mas forças poderosas e grandes idéias.” (COLBERT, 2002, p.11.)

Em “A Sociedade do Anel”, o leitor mergulha no universo criado por Tolkien e dialoga com a obra percebendo a intertextualidade fundamentada em diversas histórias providas da mitologia nórdica:

A narrativa em *O Senhor dos Anéis* retoma os temas míticos e, com eles, suas questões fundamentais. [...] Tolkien, cria - ou sub-cria – seu espaço, seu tempo, seus personagens e as leis deste novo universo baseado em Faërie. (LÓPEZ, 2004, p.77)

O Senhor dos Anéis é apenas uma pequena fração da mitologia Tolkieniana, pois, relata apenas os acontecimentos decorridos durante a Terceira Era da Terra-média. No decorrer da história, somos testemunhas de um confronto iniciado por Morgoth, milhares de anos antes da existência do Um Anel. Esse embate entre o Bem e o Mal é surpreendentemente diferente das histórias que estamos acostumados. De acordo com Stanton:

O Mal luta para ganhar do poder, o Bem para abrir mão dele. Deste modo, a forma do livro é uma busca invertida, pois não tenta encontrar algo (a Fonte da Juventude, a Bela Adormecida), mas sim perder ou destruir algo, O Anel do poder maligno. (STANTON, 2002, p.27)

Em “O Senhor dos Anéis”, percebe-se a valorização do comportamento dos personagens, os quais são dotados de responsabilidade, justiça, ousadia, entre outros atributos. O fator determinante mostrado durante a história é a amizade. Logo no primeiro contato com a sociedade do anel, percebemos as inimizades resultantes de desavenças muito antigas entre as principais raças presentes na comitiva. Legolas e Gimli são quase inimigos declarados, Boromir demonstra certa antipatia por Aragorn e os hobbits não confiam plenamente nos homens. Essas desavenças caem por terra quando todos se unem em prol de um objetivo maior: a destruição do Anel. A complexidade desses personagens e suas ações definem e dão rumo ao conto.

Já os inimigos citados no romance, nenhum outro é tão perigoso e ameaçador quanto os nazgûls (Espectros do Anel). Essas criaturas escravas e perseguidoras do Anel chegam a ser comparadas a vampiros e, durante toda a viagem dos hobbits, esses cavaleiros negros impõem o terror à narrativa:

O amor pelas trevas e a ânsia por sangue assemelham os Nazgûl a vampiros. Tolkien não desenvolve o que talvez não passe de uma ligeira semelhança (fazer comparações explícitas apenas vulgarizaria a imagem dos Cavaleiros), mas, claramente, esses fantasmas desejam a alma de Frodo talvez tanto quanto seu mestre almeja o Anel. (STANTON, 2002, p.41)

É nesse clima de aventura e fantasia que muitos leitores buscam a resolução para seus problemas reais. Transportam-se para a pele dos personagens, resolvendo seus dilemas pessoais, colocando-se, diante do imaginário e recriando sua visão de um mundo perfeito.

Embora o narrador não faça parte da história narrada, ele possui a supremacia do discurso, sendo assim considerado de primeiro nível. Ele é onisciente e apresenta uma visão panorâmica dos fatos. De acordo com Eliane Ferreira, este tipo de narrador “interpreta decodifica as emoções das personagens sem participar delas” (2003, p.352). A história criada por Tolkien é tão complexa que ele mesmo se posta como apenas um mero tradutor e narrador do Livro Vermelho do Marco Ocidental, livro este que havia sido escrito há milhares de anos por diversos personagens da Terra-Média. Lopez afirma que:

É importante frisar que Tolkien não se coloca como autor da narrativa, mas arroga-se a função de tradutor. A história narrada em *O Senhor dos Anéis* faria parte do Livro Vermelho do Marco Ocidental, com relatos de vários autores e com personagens do universo Tolkieniano. (LÓPEZ, 2004, p.79).

Outro fator de extrema relevância na obra de Tolkien é a descrição minuciosa, rica em detalhes e de vocabulário corrente que acaba provocando o prazer no ato da leitura. Seus personagens têm o domínio de suas próprias ações e pensamentos, fugindo assim de uma monopolização da narrativa por parte do narrador.

Assim, a narrativa é clara e busca o melhor entendimento possível, conseguindo capturar o interesse de milhões de leitores, jovens ou não, nesta obra considerada uma das melhores histórias já escritas.

3.1 Pesquisa

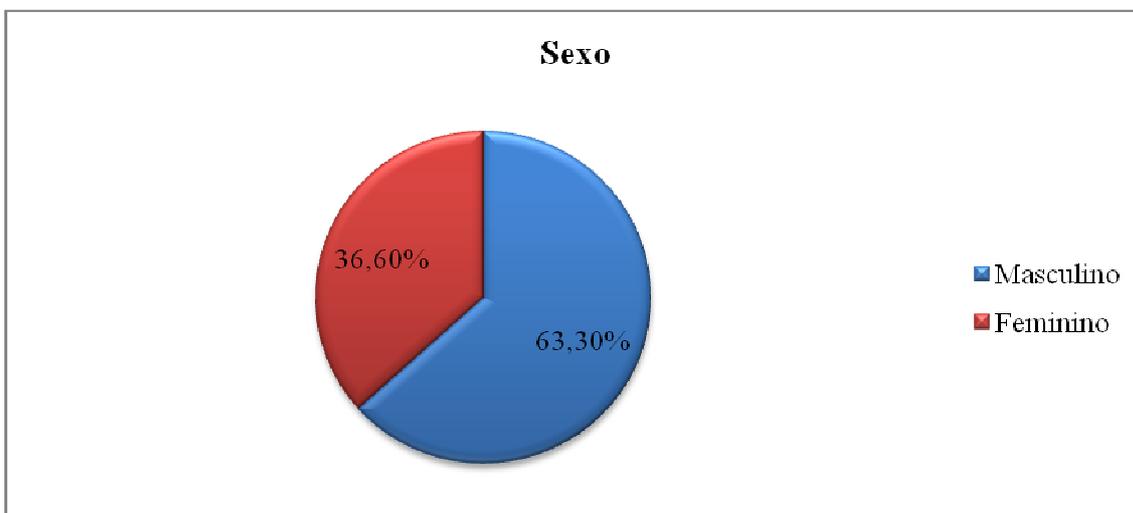
Para comprovar se a adaptação literária para o cinema de “A Sociedade do Anel” acarretou em resgate da obra ou se houve perda de seus valores, foi realizada uma pesquisa com 30 estudantes do primeiro ano de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda da Fundação Educacional do Município de Assis (Fema).

Entre os entrevistados, detectou-se, a princípio, o sexo, a idade e a escolaridade como mostram os gráficos seguintes:

Tabela I – Sexo dos pesquisados

Sexo	fi	%
Feminino	11	36,6%
Masculino	19	63,3%

Gráfico I – Sexo dos entrevistados

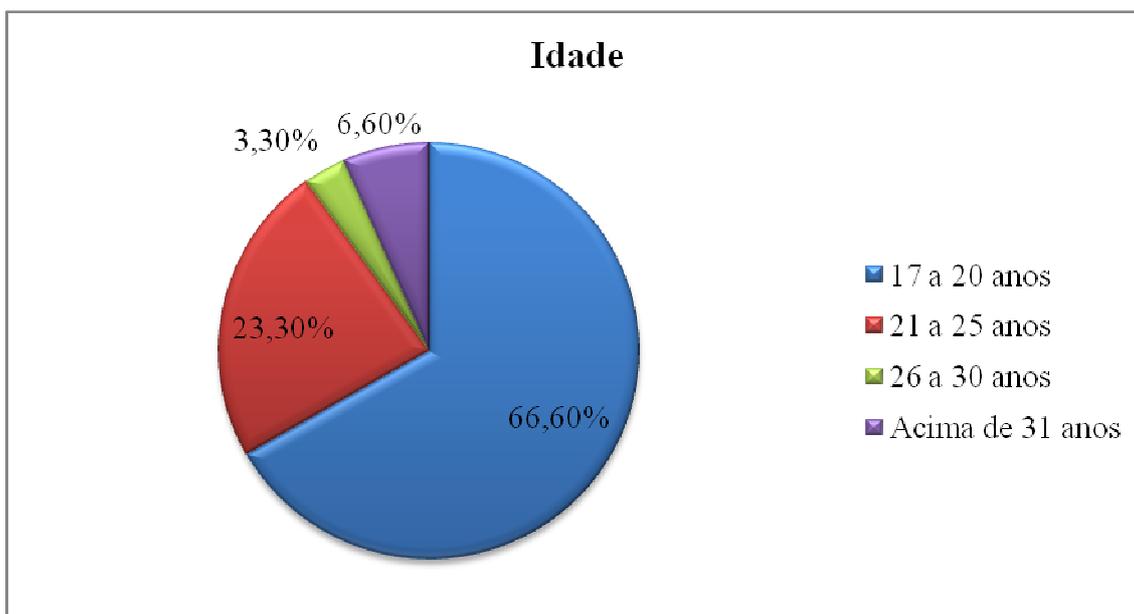


Entre os 30 entrevistados, houve predominância do sexo masculino, com 63,3%. O sexo feminino foi representado por somente 36,6%.

Tabela II – Idade dos entrevistados

Idade	fi	%
17 a 20 anos	20	66,6
21 a 25 anos	7	23,3
26 a 30 anos	1	3,3
Acima de 31 anos	2	6,6

Gráfico II – Idade dos entrevistados

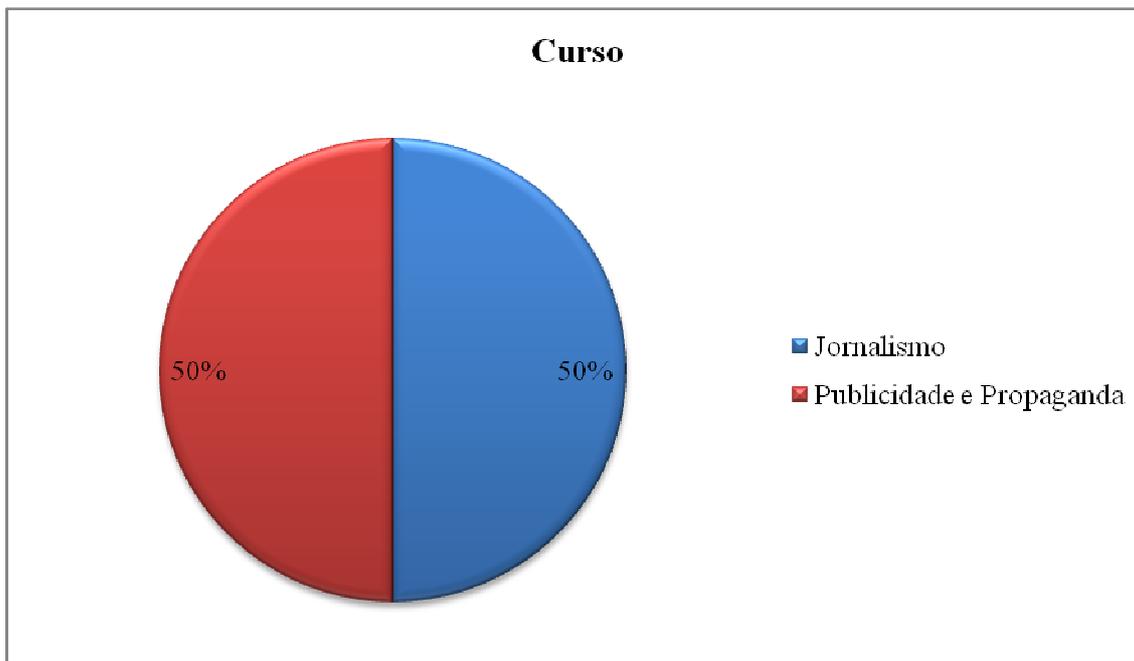


Podemos observar que, entre os entrevistados, 66,6% têm idades que variam de 17 a 20 anos. Já aqueles com idade entre 21 a 25 anos, somam 23,3%, seguidos pelos acima de 31 anos, que totalizam 6,6%. Os estudantes na faixa de 26 a 30 anos representam apenas 3,3% dos entrevistados.

Tabela III – Curso

Curso	fi	%
Jornalismo	15	50
Publicidade e Propaganda	15	50

Gráfico III - Curso



A pesquisa foi aplicada em 30 alunos do 1º ano do curso de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda, totalizando 50% de cada curso.

Tabela IV – Gêneros preferidos

Livros	fi	%
Paradidáticos (ecologia, drogas, violência etc.)	4	13,3
Contemporâneos	16	53,3
Aventura	15	50
Romance	13	43,3
Outros	0	0

Gráfico IV – Gêneros preferidos

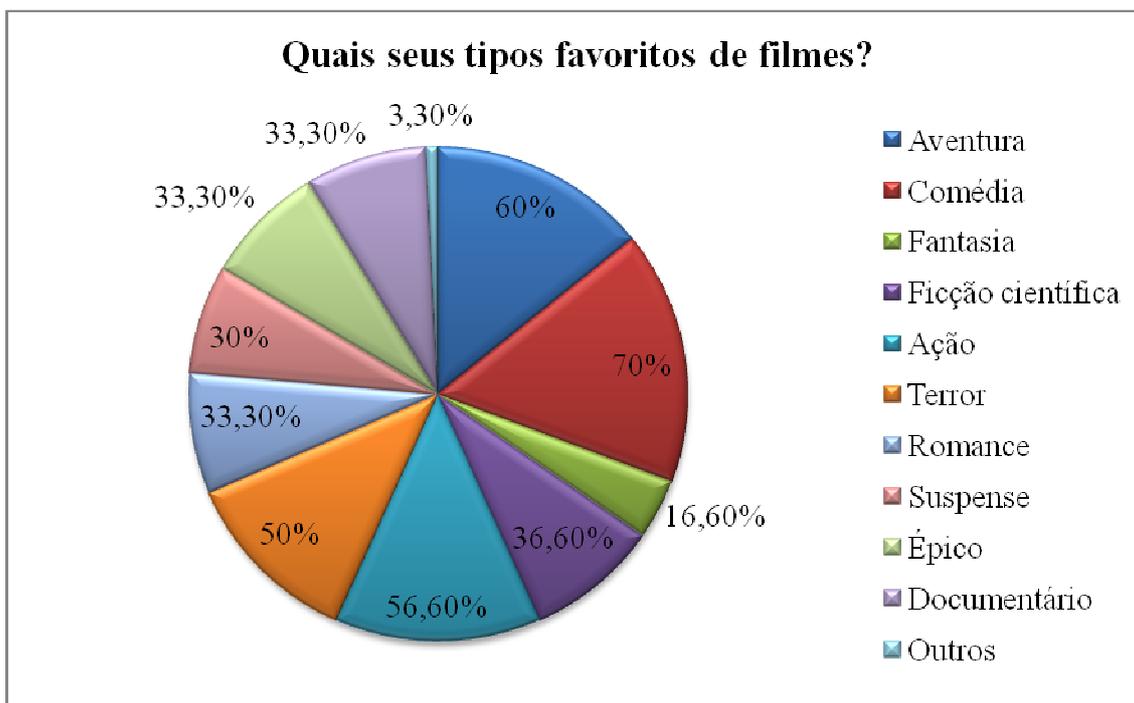


Perguntamos aos 30 entrevistados, quais livros costumavam ler. Como a pergunta era aberta, mais de uma resposta poderia ser dada. O gênero escolhido pela maioria foi de livros contemporâneos, com 53,3%. Obras de aventura atingiram 50% das respostas, seguidas por romance, com 43,3% e paradidáticos, com 13,3%.

Tabela V – Gêneros favoritos de filmes

Filmes	fi	%
Aventura	18	60
Comédia	21	70
Fantasia	5	16,6
Ficção científica	11	36,6
Ação	17	56,6
Terror	15	50
Romance	10	33,3
Suspense	9	30
Épico	10	33,3
Documentário	10	33,3
Outros	1	3,3

Gráfico V – Gêneros favoritos de filme

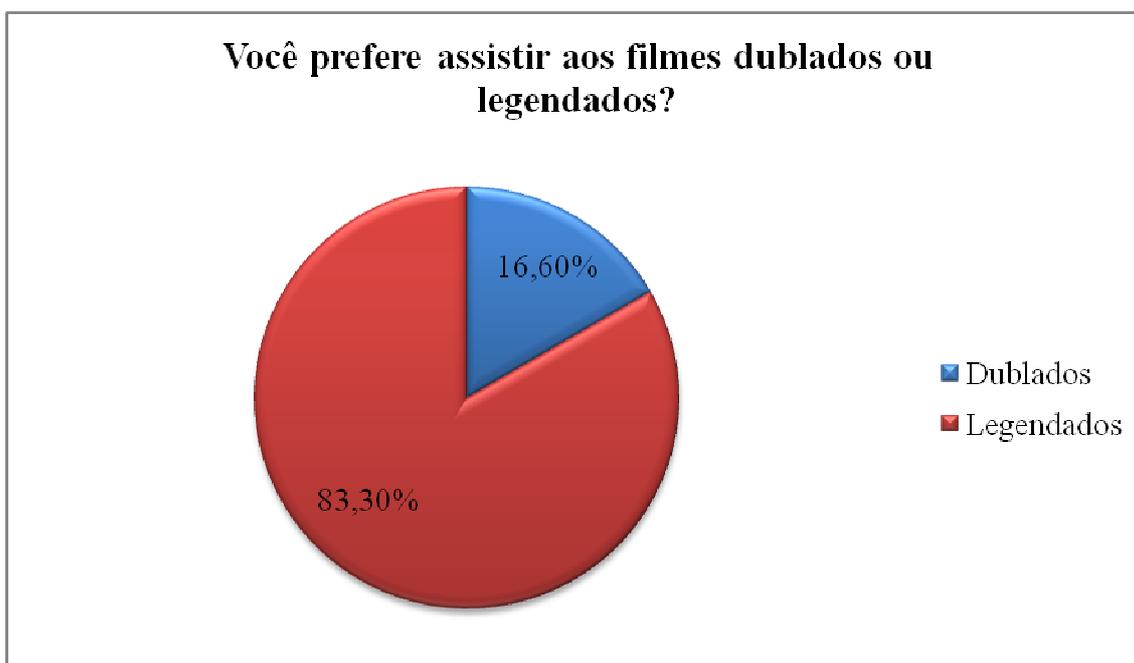


Perguntamos também aos entrevistados qual o gênero de filme que costumavam assistir. Mais uma vez a pergunta era aberta, podendo ser dada mais de uma resposta. O gênero Comédia foi o escolhido pela maioria, com 70%, seguido por Ação, com 60%. O gênero Ação aparece com 56,6% das respostas enquanto os filmes de Terror mostram 50% de aceitação por parte dos entrevistados. Ficção científica segue com 36,6%, enquanto Romance, Épico e Documentário registram 33,3% de respostas cada. Filmes do estilo Suspense representam 30%. Os filmes de temática épica foram representados por apenas 16,6%. Outros filmes (não especificados) registraram 3,3% das escolhas.

Tabela VI – Preferência dos entrevistados em relação à filmes dublados e legendados.

Filme	fi	%
Dublado	5	16,6
Legendado	25	83,3

Gráfico VI - Preferência dos entrevistados em relação à filmes dublados e legendados.

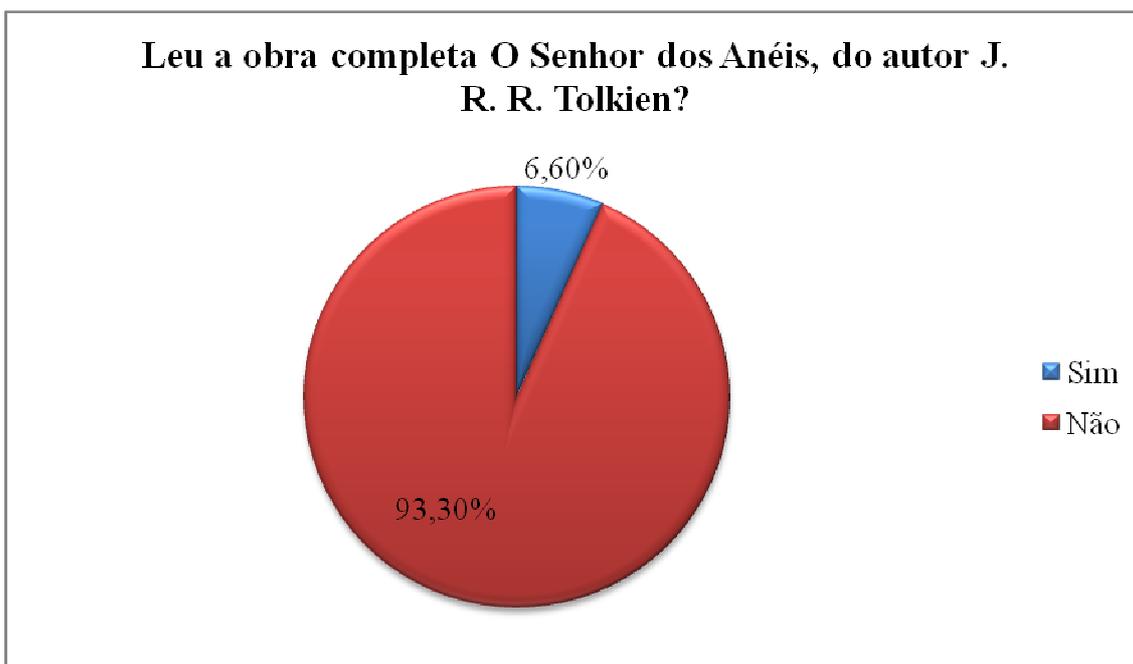


Com relação aos filmes dublados e legendados, os entrevistados demonstraram o seguinte resultado: 83,3% preferem assistir aos filmes legendados, enquanto apenas 16,6% acham os filmes dublados melhores. 30% dos estudantes disseram que preferem os filmes legendados por causa da originalidade do áudio.

Tabela VII – Índice de leitura da obra completa de *O Senhor dos Anéis*

Leu a obra completa?	fi	%
Sim	2	6,6
Não	28	93,3

Gráfico VII - Índice de leitura da obra completa de *O Senhor dos Anéis*



Entre os que responderam ao questionário, apenas 6,6% já leram a obra completa *O Senhor dos Anéis*, do autor J. R. R. Tolkien, enquanto 93,3% ainda não leram a coletânea com os três livros. Isso demonstra que não houve grande interesse pela obra, ou pior, pode não ter havido uma estratégia de comunicação adequada para a divulgação do romance.

Tabela VIII – Livros do autor conhecidos pelos entrevistados

Livros	fi	%
A Sociedade do Anel	1	3,3
As Duas Torres	0	0
O Retorno do Rei	1	3,3
Nenhum	27	90
Outros	1	3,3

Gráfico VIII - Livros do autor conhecidos pelos entrevistados



Os dados mostram que foram poucas as obras lidas pelos entrevistados. 90% dos estudantes não leram nenhum livro de J. R. R. Tolkien. A Sociedade do Anel e O Retorno do Rei tiveram apenas 3,3% das repostas cada um. Os 3,3% restantes foram apontados por um aluno que apontou *O Hobbit* como sendo outro livro do autor.

Tabela IX – Índices de audiência e satisfação do filme *A Sociedade do Anel*

Assistiu ao filme?	fi	%
Sim	20	66,6
Não	10	33,3

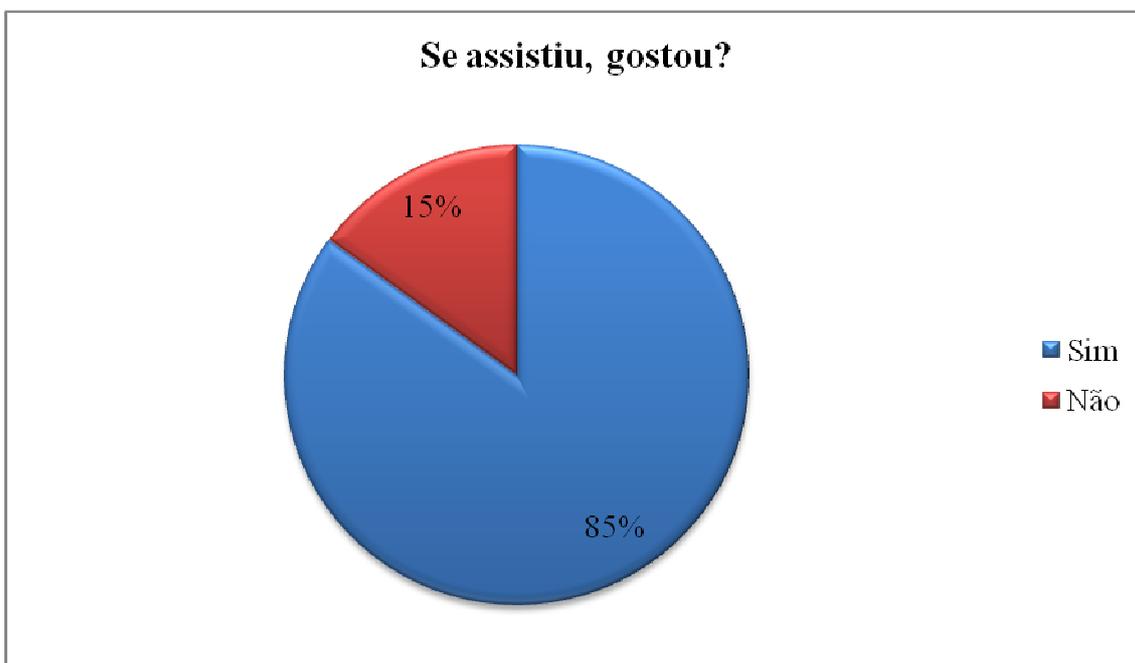
Gráfico IX – Índices de audiência e satisfação do filme *A Sociedade do Anel*



Tabela X – Índice de aceitação do filme

Gostou do filme?	fi	%
Sim	17	85
Não	3	15

Gráfico X – Índice de aceitação do filme



Apenas 15% dos entrevistados que assistiram ao filme disseram que não gostaram da adaptação para o cinema de *A Sociedade do Anel*. Esse resultado mostra que a transposição do livro para uma nova linguagem agradou aos que leram o livro e assistiram ao filme, tanto quanto aqueles que viram somente o filme.

Um dos entrevistados que disse não ter gostado da adaptação justificou sua decepção com a seguinte resposta: “O livro é mais completo”.

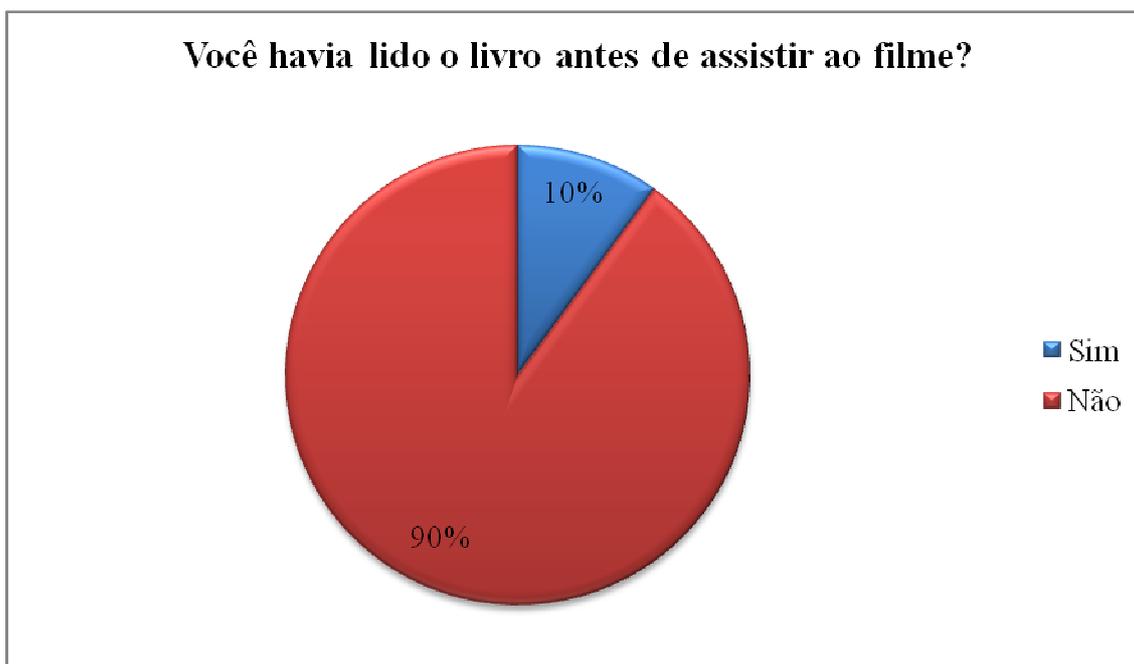
O depoimento demonstra que a rejeição da versão cinematográfica ocorre devido ao fato do leitor não reconhecer na adaptação os mesmos elementos presentes na obra com a qual dialoga. Por se tratar de uma linguagem diferente, o cinema, muitas vezes, modifica a estrutura da obra original e nos apresenta uma releitura. O desconhecimento dessa releitura acaba gerando certo tipo de repulsa pelas adaptações.

A seguir estão os dados obtidos apenas com os estudantes que leram a obra completa ou algum dos livros que compõem a história de *O Senhor dos Anéis*.

Tabela XI – Índice de leitura da *Sociedade do Anel* com relação ao filme

Leu o livro antes do filme?	f _i	%
Sim	3	10
Não	27	90

Gráfico XI - Índice de leitura da *Sociedade do Anel* com relação ao filme

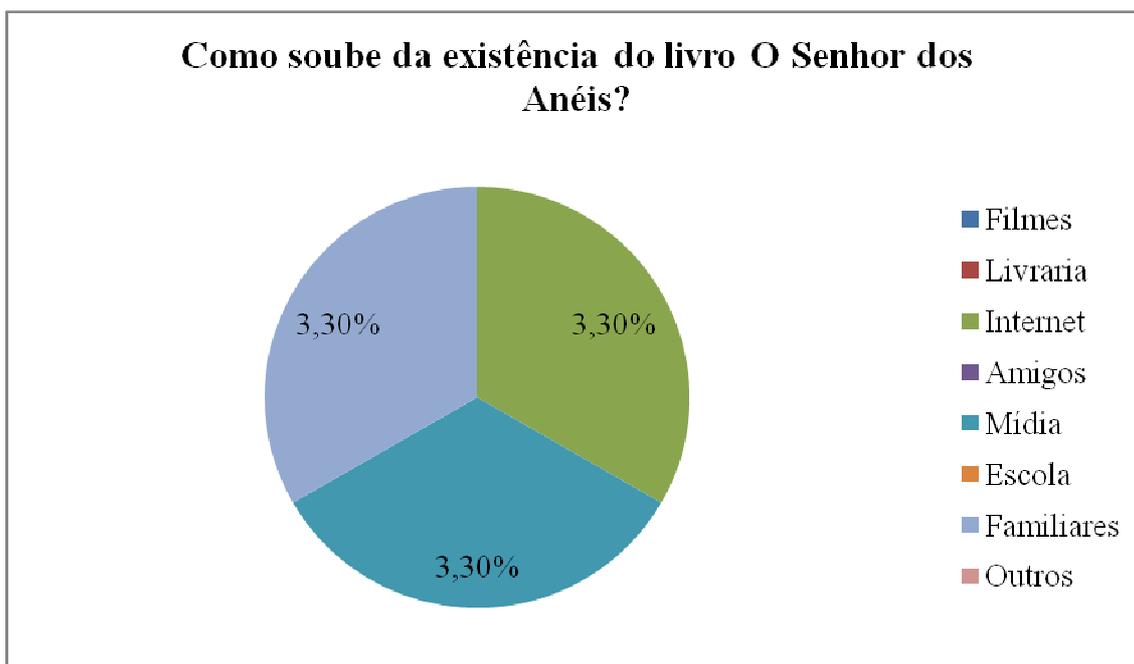


Entre os entrevistados, apenas 10% haviam lido o livro *A Sociedade do Anel*, de J. R. R. Tolkien, antes de assistir ao filme. A grande maioria (90%) assistiu ao filme sem ter conhecimento do livro.

Tabela XII – Meio de divulgação do livro *O Senhor dos Anéis*

Meio de divulgação	fi	%
Filmes	0	0
Livraria	0	0
Internet	1	3,3
Amigos	0	0
Mídia	1	3,3
Escola	0	0
Familiares	1	3,3
Outros	0	0

Gráfico XII - Meio de divulgação do livro *O Senhor dos Anéis*



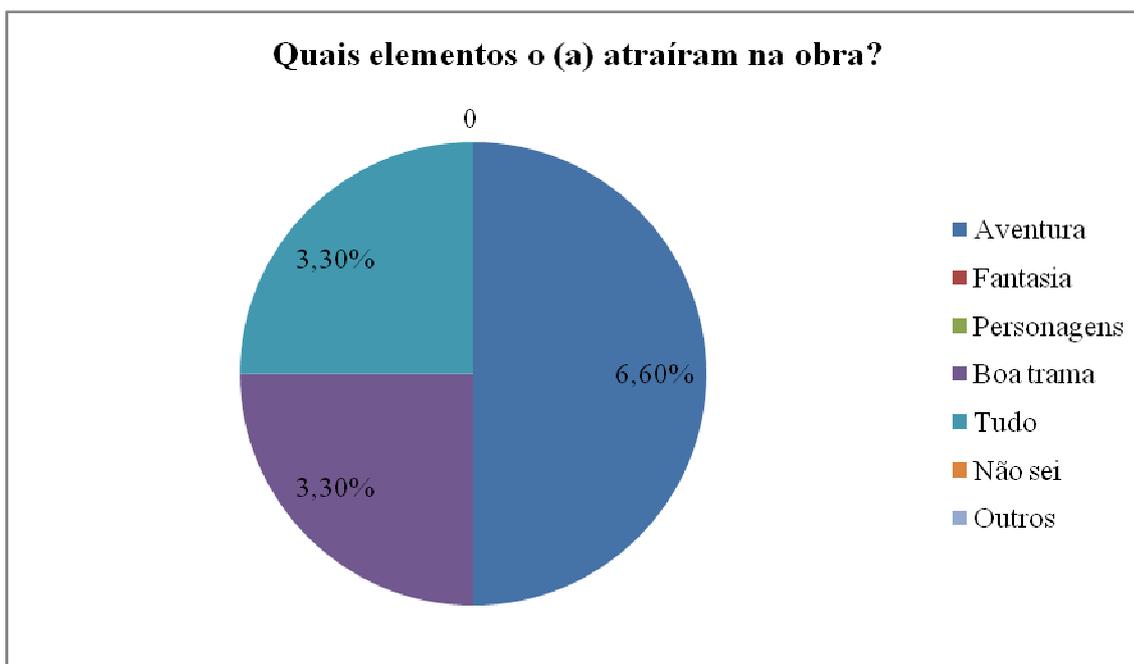
Perguntamos aos entrevistados que haviam lido os livros, como souberam da existência da obra de Tolkien. Mais uma vez as perguntas eram abertas, podendo ser dada mais de uma resposta.

Apenas três alunos haviam lido *O Senhor dos Anéis* e apontaram os seguintes resultados: 3,3% souberam dos livros através da internet, 3,3% descobriram através da mídia e 3,3% dos estudantes conheceram a obra graças aos familiares.

Tabela XIII – Elementos atrativos na obra

Quais elementos o (a) atraíram na obra?	fi	%
Aventura	2	6,6
Fantasia	0	0
Personagens	0	0
Boa trama	1	3,3
Tudo	1	3,3
Não sei	0	0
Outros	0	0

Gráfico XIII – Elementos atrativos na obra



Perguntamos aos três estudantes, quais elementos consideravam atraentes na obra. Como a pergunta era aberta, mais de uma resposta poderia ser dada.

A aventura foi o que mais atraiu os leitores na obra (6,6%). Em seguida, a boa trama (3,3%) foi apontada como principal fator atrativo. O último aluno entrevistado afirmou que tudo (3,3%) o atraía.

Encerrando o questionário, foi perguntado aos estudantes que haviam lido *O Senhor dos Anéis*, qual o personagem que mais havia chamado sua atenção. Dentre as respostas, dois alunos alegaram que Frodo era o personagem mais interessante por conta da difícil missão que tinha pela frente. Um dos entrevistados afirmou que o personagem que mais lhe chamou a atenção foi Legolas, por se tratar de um guerreiro da raça élfica.

3.2 Considerações finais

Por meio da pesquisa, percebemos que a obra desperta grande interesse enquanto linguagem cinematográfica. Aproximadamente, 85% dos entrevistados gostaram do filme, mas apenas 6,6% dos estudantes leram toda ou parte da obra *O Senhor dos Anéis*. Ficou claro, também, que o hábito de leitura não é um fator contrário para que os alunos não tenham lido os livros, pois 100% dos entrevistados afirmaram que gostam de ler.

Mesmo sem conhecer a obra original, percebemos que os estudantes se sentiram atraídos pela adaptação devido ao clima de aventura e fantasia contido na trama. Dessa forma, mesmo sem o contato com o livro, os espectadores podem absorver os elementos da história através dos recursos audiovisuais impostos pelo cinema e desse jeito manifestar o desejo de conhecer a obra escrita.

A ADAPTAÇÃO

(ᄒ ᄒᄒᄒᄒᄒ)

CAPÍTULO IV

4. A adaptação

Definido como ato de transformar uma obra literária em representação teatral, cinematográfica, radiofônica ou televisionada, o processo de adaptação continua sendo um tabu nos dias de hoje. A fidelidade exigida pelos leitores ainda é um fator importante para o sucesso de público nos cinemas.

Por conta da complexidade da adaptação de obras literárias, esse gênero de filmes nem sempre foi o preferido do público e da crítica, pois há uma diferença muito grande entre literatura e cinema. Embora haja uma intertextualidade presente em ambos, a literatura é expressa através de palavras, enquanto o cinema é baseado em imagens.

Na década de 70, a fidelidade da obra adaptada era algo preocupante já que as pessoas queriam ver no cinema algo parecido com a projeção que faziam ao ler o livro. Esse conceito foi perdendo força até se tornar opcional, já que as pessoas perceberam que, muitas vezes, um livro considerado bom não se tornava um bom filme.

A adaptação pode parecer uma tarefa fácil, mas, na verdade, ela exige muito cuidado e grande habilidade e compreensão do cinema. Entra aí a chamada licença dramática, por meio da qual se pode fazer alterações, simplificar, eliminar, informações para que a história funcione e possa ser contada em outro veículo (HOWARD, 1996, p.36).

A complexidade de transformar livro em cinema vem do fato do escritor poder se utilizar de figuras de linguagem para contar a história. Uma única frase de sua obra pode gerar diversas páginas de um roteiro já que nos baseamos em nossa imaginação para a interpretação dos fatos. O roteirista por outro lado, necessita combinar diversos elementos como imagens, narrações, música, efeitos sonoros, entre outros, para descrever uma mesma cena, levando em consideração que no cinema a audição e, principalmente, a visão são os meios utilizados para a compreensão da história.

4.1 O leitor e a obra adaptada

Com o surgimento da indústria cinematográfica no século XX, inúmeras obras literárias foram adaptadas para o cinema.

Mesmo sendo um meio de comunicação recente, diferente da origem imemorial da literatura, o cinema exerceu extremo fascínio nas pessoas e se tornou uma das indústrias mais bem sucedidas do mundo moderno. As relações entre literatura e cinema se tornaram múltiplas e inseparáveis, gerando adaptações que muitas vezes, não agradam ao público devido à infidelidade com a obra original:

O problema – o estabelecimento de uma hierarquia normativa entre a literatura e o cinema, entre uma obra original e uma versão derivada, entre a autenticidade e o simulacro e, por extensão, entre a cultura de elite e a cultura de massa - baseia-se numa concepção derivada da estética Kantiana, da inviolabilidade da obra literária e da especificidade estética. Daí uma insistência na “fidelidade” da adaptação cinematográfica à obra literária originária. Essa atitude resulta em julgamentos superficiais que frequentemente valorizam a obra literária sobre a adaptação, e o mais das vezes sem uma reflexão mais profunda. (JOHNSON, 2003, p.40).

Ao assistir uma obra literária adaptada, o leitor já traz consigo a expectativa em relação à obra original. No entanto, esse público não reflete a respeito dos dois meios de comunicação e acaba não percebendo as diferenças e dificuldades impostas na transposição da obra para o cinema. Enquanto no livro, o autor define sua trama por meio de detalhes providos através da riqueza de linguagem, o diretor se utiliza não apenas de imagens, mas também de recursos como som, linguagem, música, entre outros.

A frustração é fator quase sempre presente nas salas de cinema durante a exibição de uma adaptação literária, pois, quando o espectador assiste ao filme, muitas vezes ele não vê aquilo que projetou durante a leitura da obra original. Basicamente, o leitor trabalha com dois tipos de imagens: aquela proveniente da leitura e a imagem visualizada no filme, desenvolvida pelo diretor.

A comparação entre a obra original e a adaptada não pode ser utilizada como critério para dizer se determinado filme é bom ou ruim, pois, a literatura é uma

linguagem simples transmitida pela palavra, enquanto o cinema é uma linguagem complexa provida de inúmeros recursos audiovisuais que, em nada, se assemelha à literatura.

4.2 “A Sociedade do Anel”, o filme

Sucesso de vendas no mundo todo e eleito como o melhor romance do século XX, “O Senhor dos Anéis”, ajudou a resgatar no ano de 2001 o interesse por adaptações literárias, levando milhões de fãs aos cinemas.

A preocupação com a fidelidade do livro foi constante durante todo o projeto, visto que, no ano de 1978, já havia sido transposta para o cinema uma versão animada de parte da “Sociedade do Anel”. O filme, dirigido por Ralph Bakshi, obteve grande sucesso financeiro, mas recebeu diversas críticas negativas, gerando desconfiança por parte dos produtores que acabaram negando o financiamento de uma possível continuação.

O ótimo desempenho de *A Sociedade do Anel* nas bilheteiras gerou o lançamento de novas edições do livro, movimentando ainda mais o mercado literário. Os três filmes: “A Sociedade do Anel”, “As Duas Torres” e “O Retorno do Rei”, foram filmados simultaneamente durante mais de um ano e meio. Mesmo cada filme contendo em média três horas de duração, foi muito bem aceito pelos fãs que antes julgavam impossível a adaptação da obra para o cinema. A riqueza de detalhes, personagens e lugares contidos no filme conseguiu cativar não apenas aos fãs devotos do livro, mas também pessoas que nunca haviam ouvido falar de Tolkien.

“A Sociedade do Anel” recebeu diversas indicações e premiações ao redor do mundo, conforme o site www.adorocinema.com.br (2009):

- Ganhou 4 Oscars, nas seguintes categorias: Melhor Trilha Sonora, Melhores Efeitos Especiais, Melhor Maquiagem e Melhor Fotografia. Recebeu ainda outras 9 indicações, nas seguintes categorias: Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Ator Coadjuvante (Ian McKellen), Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Direção de Arte, Melhor Figurino, Melhor Edição, Melhor Canção Original (“May It Be”) e Melhor Som.

- Recebeu 4 indicações ao Globo de Ouro, nas seguintes categorias: Melhor Filme - Drama, Melhor Diretor, Melhor Canção Original ("May it be") e Melhor Trilha Sonora.
- Ganhou 4 prêmios no BAFTA, nas seguintes categorias: Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhores Efeitos Especiais e Melhor Maquiagem. Foi indicado ainda em outras 8 categorias: Melhor Ator (Ian McKellen), Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Som, Melhor Trilha Sonora, Melhor Fotografia, Melhor Figurino, Melhor Edição e Melhor Desenho de Produção.
- Recebeu 6 indicações ao MTV Movie Awards, nas seguintes categorias: Melhor Filme, Melhor Ator (Elijah Wood), Melhor Vilão (Christopher Lee), Melhor Revelação Masculina (Orlando Bloom), Melhor Luta e Melhor Sequência de Ação.
- Ganhou em 7 categorias no Prêmio Adoro Cinema 2002: Melhor Diretor, Melhor Ator Coadjuvante (Ian McKellen), Melhor Revelação Masculina (Orlando Bloom), Melhor Roteiro Adaptado, Melhor DVD, Melhor Figurino e Melhor Pôster. Recebeu ainda outras 5 indicações, nas seguintes categorias: Melhor Filme, Melhor Vilão (Christopher Lee), Melhores Efeitos Especiais, Melhor Crítica de Leitor (Ígor Lupesi) e Melhor Coluna (Renato Martins).

4.3 Ficha Técnica e elenco

Título Original: The Lord of the Rings: The Fellowship of the Ring

Gênero: Aventura

Tempo de Duração: 178 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 2001

Site Oficial: www.lordoftherings.net

Estúdio: New Line Cinema / The Saul Zaentz Company / WingNut Films

Distribuição: New Line Cinema / Warner Bros.

Direção: Peter Jackson

Roteiro: Frances Walsh, Philippa Boyens e Peter Jackson, baseado em livro de J.R.R. Tolkien

Produção: Peter Jackson, Barrie M. Osborne e Tim Sanders

Música: Enya e Howard Shore

Fotografia: Andrew Lesnie

Desenho de Produção: Grant Major

Direção de Arte: Dan Hennah

Figurino: Ngila Dickinson

Edição: John Gilbert, D. Michael Horton e Jamie Selkirk

Efeitos Especiais: Weta Digital

Elenco:

Elijah Wood (Frodo Baggins)

Ian McKellen (Gandalf)

Liv Tyler (Arwen Undomiel)

Viggo Mortensen (Aragorn)

Sean Astin (Samwise Gamgee)

Cate Blanchett (Galadriel)

John Rhys-Davies (Gimli)

Billy Boyd (Pippin)

Dominic Monaghan (Meriadoc "Merry" Brandybuck)

Orlando Bloom (Legolas Greenleaf)

Hugo Weaving (Elrond)

Sean Bean (Boromir)

Ian Holm (Bilbo Baggins)

Andy Serkis (Sméagol)

Sala Baker (Sauron)

Christopher Lee (Saruman)

4.4 Sinopse

Frodo é um hobbit que vive tranquilamente com seu tio Bilbo Bolseiro na Vila dos Hobbits. Após completar 111 anos, Bilbo parte em busca de aventuras e deixa um anel mágico para seu sobrinho. Frodo descobre que seu anel é na verdade o Anel de Poder de Sauron, o inimigo dos povos livres da Terra-Média. Orientado pelo mago Gandalf, o pequeno hobbit parte com seus amigos para a morada dos elfos para ser aconselhado. Elrond, líder da morada élfica, forma uma comitiva para auxiliar Frodo na missão de destruir o anel no mesmo vulcão onde foi forjado. Assim, a sociedade do anel é formada e eles partem rumo à terra do inimigo.

4.5 Análise dos fotogramas

O objetivo do trabalho é a análise do filme “O Senhor dos Anéis: a sociedade do anel”, que é uma adaptação de um livro homônimo, escrito por J. R. R. Tolkien. A análise dos fotogramas será feita considerando o plano, ponto da câmera, sonoridade, cenário e estrutura narrativa:

Fotograma 1 – 00:01:18



- a. Plano conjunto: mostra em primeiro plano a feiticeira élfica Galadriel e, ao fundo, dois outros elfos também portadores de Anéis de Poder.
- b. Posição da câmera: em frente aos personagens.
- c. Sonoridade: trilha remetendo a mistério, voz de Galadriel narrando.
- d. Cenário: fechado, escuro.
- e. Estrutura narrativa (discurso): ordem/suspense/mistério.

Os três elfos estão admirando os Anéis de Poder forjados por sua raça. Esses Anéis foram confeccionados especialmente para os líderes das principais raças da Terra-média.

Logo nas cenas iniciais somos apresentados à história da forja desses Anéis. Através da narração de Galadriel, somos levados a uma época muito mais antiga que a história da Sociedade do Anel. A feiticeira nos conta sobre como Sauron tentou dominar a Terra-média confeccionando para si um anel que controlava os outros Anéis de Poder e conseqüentemente seus portadores.

Fotograma 2 – 00:09:18



- a. Plano geral: mostrando a entrada de Gandalf e Frodo na Vila dos Hobbits.
- b. Posição da câmera: por trás dos personagens.
- c. Sonoridade: trilha que remete à alegria, novidade, fantasia.
- d. Cenário: aberto, dia, claro, em frente a Vila dos Hobbits.
- e. Estrutura narrativa (discurso): ordem/harmonia/fantasia.

Frodo encontra Gandalf seguindo com sua charrete para a Vila dos Hobbits e o acompanha. O mago conversa com o pequeno hobbit enquanto segue em direção à casa de Bilbo Bolseiro. Em poucos dias haverá a esperada festa de aniversário comemorando os 111 anos de Bilbo.

A festa é tão esperada porque além de Bilbo, Frodo também faz aniversário e completa trinta e três anos, idade em que atinge a maioridade hobbitniana e passa a ter direito a herança do tio.

Fotograma 3 – 00:28:06



- a. Plano de conjunto: Gandalf fazendo um pesquisa na biblioteca de Minas Tirith.
- b. Posição da câmera: em frente ao personagem.
- c. Sonoridade: trilha de suspense, voz de Gandalf lendo o pergaminho.
- d. Cenário: fechado, claro, em uma biblioteca.
- e. Estrutura narrativa (discurso): ordem/suspense/mistério.

Após seu aniversário, Bilbo parte do Condado e deixa um misterioso anel para seu sobrinho Frodo. Gandalf alerta o hobbit para guardar o objeto em segredo e logo em seguida parte da Vila dos Hobbits. Ele sai em busca de respostas acerca do anel até chegar à biblioteca da cidade de Minas Tirith. Nesse meio tempo, Sauron envia seus cavaleiros negros até o Condado para reaver seu precioso Anel.

Fotograma 4 – 00:30:50



- a. Detalhe: Frodo segurando o Anel.
- b. Posição da câmera: em frente ao objeto.
- c. Sonoridade: trilha de suspense.
- d. Cenário: fechado, noite, claro, dentro da casa de Bilbo na Vila dos Hobbits.
- e. Estrutura narrativa (discurso): ordem/suspense/mistério.

Gandalf volta para casa de Frodo e descobre que o anel é na verdade o Um Anel que havia sido arrancado do dedo de Sauron há milhares de anos atrás. Ele manda Frodo partir para uma estalagem na aldeia de Bri. Frodo viaja com seu amigo Sam para Bri, enquanto Gandalf segue para Isengard para consultar Saruman, líder da ordem dos magos.

Ao todo foram forjados dezenove Anéis de Poder. Os mais poderosos eram Narya, o Anel do Fogo, Nenyra, o Anel da Água e Vilya, o Anel do Ar. Seus respectivos portadores eram Galadriel, Elrond e Gandalf. No filme, apenas o Anel de Galadriel é mostrado.

Fotograma 5 – 00:39:18



- a. Plano americano: Saruman e Gandalf conversam enquanto caminham pelo jardim de Isegard.
- b. Posição da câmera: em frente aos personagens.
- c. Sonoridade: vozes de Gandalf e Saruman conversando.
- d. Cenário: aberto, dia, claro, no jardim de Isengard.
- e. Estrutura narrativa (discurso): ordem

Ao conversar com o líder de sua ordem, Gandalf descobre que Saruman se tornou um traidor e está ajudando Sauron a encontrar o Anel. Saruman tenta convencer o mago a se juntar a ele, mas sem sucesso, acaba prendendo Gandalf em sua torre. Enquanto isso, Frodo e Sam seguem para Bri quando encontram seus amigos Merry e Pippin.

Nesse fotograma podemos perceber claramente a hierarquia dos magos através de sua aparência. Gandalf se veste como um simples andarilho, com roupas velhas de cor cinza, uma aparência humilde e com um simples cajado de madeira. Saruman,

no entanto, utiliza vestes brancas e impecáveis, cabelos e barba perfeitamente aparados, uma personalidade arrogante e um cajado aparentemente de metal com um cristal na ponta.

Fotograma 6 – 01:02:47



- a. Plano médio: mostrando o líder dos cavaleiros negros.
- b. Posição da câmera: em frente ao personagem, mostrando de baixo para cima (contra-plongé).
- c. Sonoridade: trilha de suspense.
- d. Cenário: aberto, noite, escuro, no Topo do Vento.
- e. Estrutura narrativa (discurso): desordem/suspense/tensão.

Após Merry e Pippin se juntarem à viagem, eles finalmente chegam a Bri. Lá conhecem um guardião chamado Passolargo (Aragorn) que os guia até o Topo do Vento rumo à Valfenda. No Topo do vento, são atacados pelos cavaleiros negros de Sauron e

Frodo é ferido. Arwen, filha do líder de Valfenda, os encontra e leva Frodo para o lar do elfos.

Os nazguls, ou espectros do anel, que atacam Frodo no Topo do Vento são os homens mostrados na abertura do filme. Eles foram corrompidos por Sauron através dos Anéis de Poder até se tornarem seus principais servidores.

Seis fotogramas transitórios, que são imagens que dão sequência ao filme e que registram acontecimentos importantes para a história, foram selecionados e serão analisados abaixo.

Fotograma 7 - 01:26:37

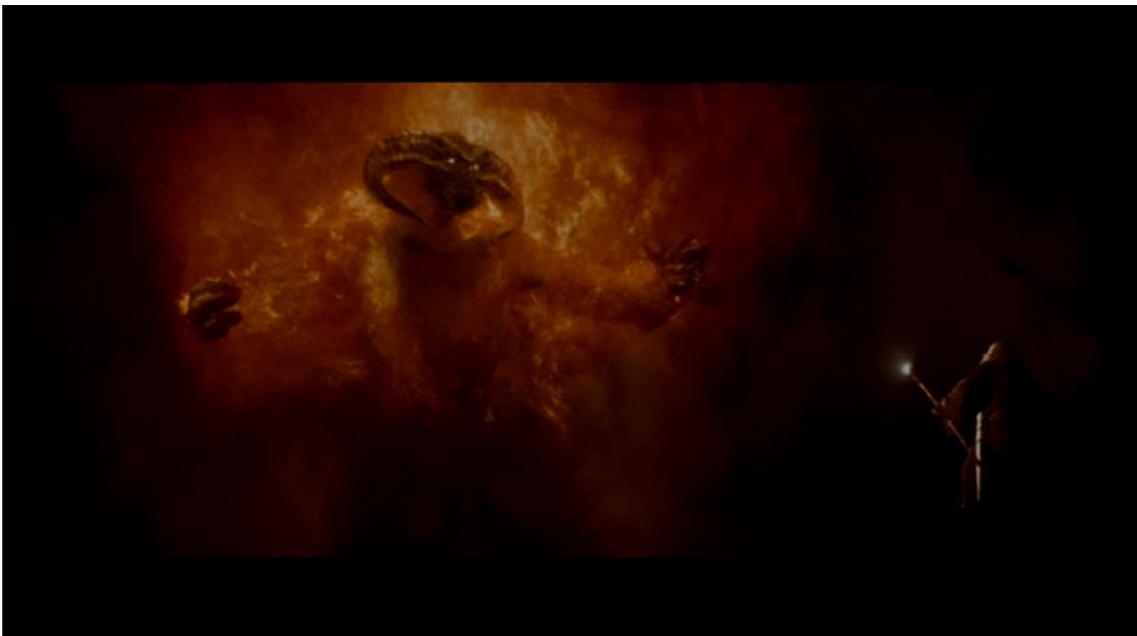


- a. Plano geral: mostrando o conselho formado por homens, elfos, anões e hobbits.
- b. Posição da câmera: em frente aos personagens, mostrando de cima para baixo (plongé).
- c. Sonoridade: voz de Elrond meio-elfo.
- d. Cenário: aberto, dia, claro, em Valfenda.

e. Estrutura narrativa (discurso): ordem/suspense/mistério.

Um debate sobre o destino do Anel tem início em Valfenda. Representantes de várias raças participam e acabam formando uma comitiva com a missão de levar o Anel até a Mordor para ser destruído no mesmo vulcão onde foi forjado. A sociedade é formada por: Gandalf (que havia escapado da torre de Saruman), Frodo, Sam, Merry, Pippin, Aragorn, Boromir, Legolas e Gimli.

Fotograma 8 – 02:07:49



a. Plano conjunto: mostrando em primeiro plano o Balrog e no canto inferior direito Gandalf.

b. Posição da câmera: de frente ao Balrog e mostrando Gandalf no canto inferior direito de forma a mostrar a superioridade do monstro perante o mago.

c. Sonoridade: som de algo queimando.

d. Cenário: fechado, escuro, na Ponte de Khazad-dûm, nas Minas de Moria.

e. Estrutura narrativa (discurso): desordem/suspense/tensão.

Após vários dias de viagem, Frodo e seus companheiros chegam à Moria. O antigo reino dos anões está todo destruído e repleto de orcs. Durante a travessia pela montanha, eles são atacados por um demônio de fogo conhecido como Balrog. Durante a fuga Gandalf fica para trás para enfrentar o monstro e ambos acabam caindo em um abismo profundo. O grupo, devastado pela perda de seu guia, continua sua jornada através da floresta de Lothlorien.

Fotograma 9 – 02:19:05



- a. Primeiro plano: mostrando a feiticeira élfica Galadriel.
- b. Posição da câmera: em frente a personagem.
- c. Sonoridade: trilha de suspense.
- d. Cenário: aberto, noite, claro, no reino dos elfos de Lothlorien.
- e. Estrutura narrativa (discurso): ordem/suspense/esperança.

Em Lothlorien, a comitiva começa a desacreditar em sua missão e Galadriel os adverte que a sociedade está prestes a ruir, mas ainda há esperança. Após alguns dias no reino dos elfos da floresta, eles seguem em canoas através do Rio Anduin tentando cumprir a tarefa que lhes foi incumbida.

Fotograma 10 – 02:24:14



- a. Primeiro plano: mostrando o líder dos Uruk-hais.
- b. Posição da câmera: em frente ao personagem.
- c. Sonoridade: trilha que remete à batalha.
- d. Cenário: fechado, escuro, nas cavernas de Isegard.
- e. Estrutura narrativa (discurso): desordem/suspense/tensão.

Em Isegard, Saruman cria um exército de Uruk-hais – criaturas semelhantes aos orcs, mas que não temem a luz do sol. Ele envia um batalhão para encontrar a comitiva e recuperar o Um Anel.

Fotograma 11 – 02:28:31



- a. Plano geral: mostrando o grupo atracando próximo à cachoeira de Rauros.
- b. Posição da câmera: atrás dos personagens, mostrando de cima para baixo (plongé).
- c. Sonoridade: som da água do rio.
- d. Cenário: aberto, dia, claro, no rio Anduin.
- e. Estrutura narrativa (discurso): ordem.

Frodo e seus amigos chegam até terra firme. Boromir é seduzido pelo poder do Anel e tenta a todo custo tomá-lo para si mesmo. Frodo foge e o grupo é atacado pelos Uruk-hais de Saruman.

A seguir estão os fotogramas que transmitem o encerramento do filme e mostram ao espectador toda a mensagem passada ao longo dele. Foram selecionados apenas dois fotogramas para análise, lembrando que, por se tratar de uma trilogia, o filme não tem um desfecho, deixando assim propositalmente uma ponta solta que só será revelada na continuação: *As Duas Torres*.

Fotograma 12 – 02:35:20



- a. Plano geral: mostrando o Aragorn enfrentando a tropa de Uruk-hais.
- b. Posição da câmera: atrás do personagem mostrando de cima para baixo (plongé).
- c. Sonoridade: trilha que remete à ação, som de espadas, urros de Uruk-hais.
- d. Cenário: aberto, dia, claro, em Tol Brandir.
- e. Estrutura narrativa (discurso): desordem/tensão.

Durante o ataque, Boromir se arrepende de sua traição e salva Merry e Pippin. Legolas, Aragorn e Gimli estão do outro lado da floresta quando ouvem a corneta de Boromir pedindo socorro. Eles vão ao encontro do companheiro mas, ele acaba morrendo nos braços de Aragorn. Merry e Pippin são confundidos com Frodo e levados pelos Uruks rumo à Isengard.

Fotograma 12 – 02:50:15



- a. Grande plano geral: mostrando Frodo e Sam rumo à Mordor.
- b. Posição da câmera: atrás dos personagens, mostrando de cima para baixo (plongé).
- c. Sonoridade: trilha que remete a esperança.
- d. Cenário: aberto, dia, escuro, nas colinas de Emyr Muil.
- e. Estrutura narrativa (discurso): reestruturação da ordem/ eles continuam a jornada.

Frodo e Sam desaparecem e Aragorn percebe que os pequenos hobbits partiram sozinhos, rumo à Mordor. Após velarem o corpo de Boromir e entregá-lo ao grande Rio Anduin, Aragorn, Legolas e Gimli partem atrás dos Uruk-hais para resgatar Merry e Pippin.

4.6 Divisão em atos

“A Sociedade do Anel” pode ser dividida em três atos. O primeiro se dá do início do filme até o momento em que a comitiva do Anel é formada em Valfenda. Nesse momento tem início o segundo ato, no qual o grupo parte rumo às terras inimigas para destruir o Anel. O terceiro e último ato inicia-se com o ataque dos Uruk-hais que resulta no rompimento da sociedade do anel. O filme não tem necessariamente um final, pois, ele é parte de uma trilogia, sendo seguido de “As Duas Torres” e “O Retorno do Rei”.

4.7 Premissa e abertura

A premissa da história ocorre quando Frodo recebe um anel mágico que pertencia a seu tio Bilbo Bolseiro. Ele descobre que o anel, na verdade, pertence a um inimigo que todos julgavam destruído.

Após ser aconselhado por seu amigo Gandalf, o mago, Frodo parte rumo à Valfenda, lar de alguns dos últimos elfos da Terra-Média, para descobrir o destino do Anel.

4.8 Protagonista, objetivo e obstáculos

A história possui nove protagonistas, os hobbits: Frodo, Sam, Merry e Pippin; os homens: Aragorn e Boromir; o anão: Gimli; o elfo: Legolas; e o mago: Gandalf. Embora eles formem uma sociedade, com o passar da trama eles acabam se separando e cada um desenvolve sua própria importância dentro da trama e precisam se reunir no final para derrotar Sauron.

O objetivo da história é destruir o Anel de Sauron o que culminaria na sua própria destruição, pois o anel contém sua alma e parte de seu poder.

Existem inúmeros obstáculos no decorrer da história. O primeiro deles acontece na própria comitiva. Boromir começa a ser seduzido pelo Anel.

Há uma infinidade de inimigos no decorrer da viagem, mas os principais são os orcs e uruk-hais que servem a Sauron.

A morte de Gandalf nas Minas Moria chega a ser um obstáculo num primeiro momento por causar grande comoção no grupo e deixar no ar a dúvida se seria possível continuar sem seu guia. Mas mesmo repletos de tristeza e cansaço, a comitiva dá continuidade a sua missão.

4.9 Tensão principal, culminância e resolução

A tensão principal se estabelece após as informações principais serem passadas aos espectadores: Frodo herdou de seu tio Bilbo um anel mágico que precisa ser destruído por se tratar do Anel de Poder de Sauron, um inimigo muito antigo que está prestes a atacar a Terra-média. A tensão principal pode ser resumida no momento em que todos descobrem a verdade acerca do Anel.

A culminância acontece quando Gandalf morre nas Minas de Moria e Aragorn se torna o responsável pela comitiva na tentativa de continuar a missão de destruir o Anel.

A resolução da história não ocorre no filme, apenas o desfecho de parte da história é mostrado. Isso ocorre quando a sociedade do anel se separa, fazendo com que Frodo e Sam sigam sozinhos, rumo à Mordor, enquanto Aragorn, Legolas e Gimli partem para salvar os outros companheiros da comitiva que foram levados pelo inimigo.

4.10 Considerações finais

O clima constante de aventura é um dos pontos fortes de “A Sociedade do Anel”. O espectador é convidado a participar da trama, conhecer e descobrir os mistérios que habitam na história. Mesmo quem já conhece a obra escrita, acaba se surpreendendo, pois assim como o narrador, a câmera tem a habilidade de criar um clima de expectativa. Incorporados a isto, estão, a trilha sonora, o jogo de imagens, a movimentação de câmera, entre outros. Todos esses elementos fazem com que o filme, que tem em média três horas de duração, prenda a atenção do espectador e não se torne enfadonho.

Levando em consideração as informações supracitadas, fica evidente que a câmera não se projeta de maneira onisciente ou onipresente, pois o espectador acompanha junto com as personagens o desenvolver dos fatos e não recebe informações de maneira antecipada. Como o filme não possui uma câmera que tudo sabe e tudo vê, logo também, não antecipa os acontecimentos da história, tornando “A Sociedade do Anel” um filme de cunho mais restrito, não voltado diretamente para as massas.

Ao assistir a esta adaptação literária, o público transporta-se, assim como na obra escrita, a um mundo surreal, onde se identifica com os personagens e os conflitos por eles vividos, e através da fantasia busca uma solução para seus problemas reais.

CONCLUSÃO

De acordo com os elementos apresentados ao longo do presente trabalho, podemos concluir que a adaptação de *A Sociedade do Anel* para o cinema foi bem aceita pelo público leitor, mesmo em sua minoria. Ficou comprovado que, mesmo os entrevistados que não leram a obra, gostaram da adaptação para o cinema.

A obra era pouco popular no Brasil e com o lançamento do filme, houve diversas novas edições do livro, movimentando assim o mercado literário juntamente com obras como a série *Harry Potter*, de J. K. Rowling, e *As Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis, que também ganharam versões cinematográficas no mesmo ano.

Ficou evidente também que “O Senhor dos Anéis” é um texto que possui inúmeras qualidades literárias, pois se manteve vivo desde a década de cinquenta e, somente agora, 50 anos depois, veio a receber uma versão cinematográfica.

Por fim, pudemos concluir que a aura de uma produção cinematográfica pode ser tão boa quanto a aura de uma obra literária, podendo inclusive, em alguns casos, superar a obra escrita. Tudo depende apenas do olhar dos responsáveis pela produção, tais como; diretores, produtores, roteiristas etc.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALBERGARIA, Lino de. **Do Folhetim à literatura infantil**: leitor, memória e identidade. Belo Horizonte: Lê, 1996.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO, Theodor W. et al. **Teoria da cultura de massa**. Comentários e seleção de Luiz Costa Lima. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 217-54.

BRITO, Juliana Batista; GARCIA, Mariana Pante; PEDROSO, Patrícia Ferraz. **A indústria cultural e a obra *As crônicas de Nárnia***: análise crítica da adaptação para o cinema de “O leão, a feiticeira e o guarda-roupa”. Novembro, 2006, 116 p. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, apresentado como requisito parcial para aprovação do curso de Jornalismo (TCC). Fundação Educacional do Município de Assis (Fema)/ Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis (Imesa), Assis, 2006.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

COLBERT, David. **O mundo mágico do Senhor dos Anéis**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

COSTA, Antonio. **Compreender o Cinema**. 2. ed. São Paulo: Globo, 1989.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. **A leitura dialógica e a formação do leitor**. Assis, 2003. 536 p. Dissertação (Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa) Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa Folha/Aurélio**. São Paulo: Nova Fronteira, 1994.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. **Por que a obra HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL agrada tanto ao público infanto-juvenil?** Anais Em Cd-Rom do Cellip, Maringá-PR, 2000.

FRANCHINI, A. S. **As melhores histórias da mitologia nórdica.** Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2006.

HELGE, Kare Fauskanger. **Curso de Quenya: A mais bela Língua dos Elfos.** Trad. Gabriel O. Brum. Arte & Letra, 2004.

HOWARD, David. **Teoria e prática do roteiro: um guia para escritores de cinema e televisão.** São Paulo: Globo, 1996.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-moderno: história, teoria, ficção.** Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KLAUTAU, Diego. **Do cinza ao branco: o processo de individualização a partir de Gandalf em O Senhor dos Anéis.** São Paulo: PUC/SP.

GONÇALVES, Dircilene Fernandes. **Pseudotradução, linguagem e fantasia em O Senhor dos Anéis de J. R. R. Tolkien: princípios criativos da fantasia Tolkieniana.** São Paulo: USP, 2007.

LOPÉZ, Rosa Silvia. **O Senhor dos Anéis & Tolkien: o poder mágico da palavra.** São Paulo: Devir: Arte & Ciência, 2004.

MORAES, Ana Paula Garcia de. **A apropriação de textos clássicos pela indústria cultural: o cinema em questão.** Novembro, 2006, 135 p. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, apresentado como requisito parcial para aprovação do curso de Jornalismo (TCC). Fundação Educacional do Município de Assis (Fema)/ Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis (Imesa), Assis, 2007.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX.** 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1977.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural.** 5. ed. 4. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PELLEGRINI, Tânia et al. **Literatura, cinema e televisão.** São Paulo: Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003. 144p.

PIRES, Maiara. **A adaptação de obras teatrais para o cinema: análise crítica da adaptação para o cinema de O Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna, por Guel Arraes.** Novembro, 2008, 105 p. Trabalho de Conclusão de Curso de Publicidade e Propaganda, apresentado como requisito parcial para aprovação do curso de Publicidade e Propaganda (TCC). Fundação Educacional do Município de Assis (Fema)/ Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis (Imesa), Assis, 2008.

STANTON, Michael N. **Hobbits, elfos e magos.** Rio de Janeiro: Frente, 2002.

TÁVOLA, Artur da. **Comunicação é Mito: Televisão em leitura crítica.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

TOLKIEN, J. R. R. **O Hobbit.** 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: As Duas Torres.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TOLKIEN, J. R. R. **O Silmarillion.** 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

XAVIER, Carlos; LUPARDO, Eveleine. **Entregando o ouro para os bandidos: o roteiro da comunicação empresarial: uma ferramenta para o endomarketing.** São Paulo: Zennex Publishing, 2004.

WHITE, Michael. **Tolkien**: uma biografia. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

Disponível em: <http://www.adorocinema.com.br>. Acesso em: 21 Out. 2009.

Disponível em: <http://www.valinor.com> Acesso em: 21 Out. 2009.

ANEXOS

ANEXO I

Pesquisa de opinião

Trabalho de Conclusão de Curso – Publicidade e Propaganda

Adaptação da obra literária *O Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel* para o cinema:
produto cultural ou banalização da cultura?

1 – Sexo

Masculino

Feminino

2 – Idade

17 a 20 anos

20 a 25 anos

25 a 30 anos

acima de 30 anos

3 – Curso

Jornalismo

Publicidade e Propaganda

4 – Gosta de ler?

Sim

Não. Por quê?

5 – Que tipo de livro costuma ler?

Livros paradidáticos

Contemporâneos

Aventura

Romance

Outros _____

6 – Quais seus tipos favoritos de filmes?

Aventura

Comédia

Fantasia

Ficção científica

Ação

Terror

Romance

Suspense

Épico

Documentário

Outros _____

7 – Você prefere assistir aos filmes dublados ou legendados?

Dublados

Legendados

Por quê? _____

8 – Leu a obra completa *O Senhor dos Anéis*, do autor J. R. R. Tolkien?

Sim

Não

9 – Caso não tenha lido a obra completa, quais livros do autor você leu?

A Sociedade do Anel

- As Duas Torres
- O Retorno do Rei
- Nenhum
- Outros _____

10 – Você assistiu à adaptação para o cinema de *O Senhor dos Anéis - A Sociedade do Anel*?

- Sim
- Não

Se assistiu, gostou ?

- Sim
- Não

Por quê? _____

11 – Se você leu o livro e assistiu ao filme responda:

Você havia lido o livro antes de assistir o filme?

- Sim
- Não

12 – Como soube da existência do livro *O Senhor dos Anéis*?

- Filmes
- Livraria
- Internet
- Amigos
- Mídia
- Escola
- Familiares
- Outros _____

13 – Quais elementos o (a) atraíram na obra?

- Aventura
- Fantasia
- Personagens
- Boa trama
- Tudo
- Não sei
- Outros _____

14 – Qual personagem chamou mais sua atenção? Por quê?

ANEXO II

Trabalho Prático

Como trabalho prático foi desenvolvido um blog, contendo informações acerca desse Trabalho de Conclusão de Curso. Foi utilizado esse meio de comunicação por conta de sua praticidade e fácil acessibilidade. É um veículo recente e já apresenta grande força perante os meios de comunicação tradicionais. O blog também será utilizado para futuras análises de outras obras literárias adaptadas para o cinema.

www.pipocanabiblioteca.blogspot.com



The image is a screenshot of a Mozilla Firefox browser window displaying a Blogger blog. The browser's address bar shows the URL: <http://pipocanabiblioteca.blogspot.com/2009/11/adaptanto-o-senhor-d...>. The page title is "Pipoca na biblioteca: Adaptando O Senhor dos Anéis - A Sociedade do Anel para o cinema". The main content area features a large heading "PIPOCA NA BIBLIOTECA" and a sub-heading "Adaptando O Senhor dos Anéis - A Sociedade do Anel para o cinema" dated "SEGUNDA-FEIRA, 23 DE NOVEMBRO DE 2009". A movie poster for "O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel" is displayed on the left. To the right of the poster, the text reads: "Definido como ato de transformar uma obra literária em representação teatral, cinematográfica, radiofônica ou televisionada, o processo de adaptação continua sendo um tabu nos dias de hoje. A fidelidade exigida pelos leitores ainda é". On the right side of the page, there is a "SEGUIDORES" section with a "Seguir" button and a message "Ainda não há seguidores. Seja o primeiro!". Below that is an "ARQUIVO DO BLOG" section showing a post from "2009 (1)" in "Novembro (1)" titled "Adaptando O Senhor dos Anéis - A Sociedade do Anel...". The Windows taskbar at the bottom shows the system tray with the time "10:08" and language "PT".